



Ilustração Brasileira

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1910.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Centenário da República do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva
Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745
Caixa Postal, 880 — End. Teleg. "O MALHO"
Rio.

Publicidades e assinaturas em São Paulo:

Av. Ipiranga, 879 — 13.º — sala 131
Tel. 36-4564

PREÇOS DAS ASSINATURAS
(Remessa sob registro Postal)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00
6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00
6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XLV — N.º 231 — AGOSTO — 1954

NOSSA CAPA

CAXIAS EM ITORORÓ
Tela de Pedro Américo



Sempre quebrando rotinas!!!

RÁDIO BRASIL

A RÁDIO ESPORTE DO INTERIOR PAULISTA

Presente aos maiores acontecimentos nacionais e internacionais

UMA GRANDE EQUIPE EXCLUSIVA

SYNESIO PEDROSO — MARIO PONTES MELILLO
— ALFREDO ORLANDO — SERGIO SALVUCI — GERALDO SUSSOLINI — GERALDO ARAUJO — BRITO FRANCO — JORGE CURY — MILTON MORAES
— OCTÁVIO CESCHI — DURVAL BIONDI.

DUAS ONDAS NO RECEPTOR DO OUVINTE

ZYY - 3 — 4.755 Kcs. 63 metros.
ZYR - 39 — 1.270 Kcs.

Futebol — Turf — Basket — pugilismo
Atletismo etc.

REPRESENTANTES NO RIO:

ORG. N. DE MACEDO & CIA. LTDA.

Rua México, 41 — 11.º andar — Conj. 1.102

End Tel. "SEURADICO" — Caixa Postal, 5.128
Fone — 32-10-86.

"Prêmio Carlos de Laet"

Concedido a Francisco Marins o "Prêmio Carlos de Laet" de 1954 concedido pela Academia Brasileira de Letras. Da justiça do ato bastará dizer-se que, vivendo em São Paulo, o vitorioso jamais cortejou os acadêmicos, nem coisa nenhuma lhes pediu. Inscreveu-se por carta, e por telegrama soube do resultado. Nenhuma solicitação, nenhuma influência — foi uma decisão baseada exclusivamente no valor de seu livro "A aldeia sagrada" o qual se laureou com o "Prêmio Carlos de Laet". Nessa obra, Francisco Marins relata a epopéia de Canudos, da qual apresenta as figuras e os lances com um vigor inesquecível. Linguagem acessível à juventude. Tema desenvolvido com simplicidade e clareza. O triunfo, tão expressivamente obtido por Francisco Marins, das Edições Melhoramentos, é um estímulo à sua inteligência moça, à sua cultura, ao seu permanente esforço em prol das boas letras. Nós, que lhe acompanhamos a magnífica trajetória, na série Taquara-Poca e em outras realizações, felicitamos o laureado.

PÃO DE AÇUCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra científica do homem, dominando o espaço em uma via original e seguríssima. Sensação de patriotismo por se tratar de empresa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 horas às 22 horas, subindo o carrinho todas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr\$ 10,00 até o Morro da Urca e mais Cr\$ 7,000 até o Pão de Açúcar. Gratis para crianças até 1,20m. de altura. Bonde: Praia Vermelha. Ônibus: para a Urca ns. 13 — 47 e 106. "Urca N.º 13".

Informações pelo telefone: 26-0768.



Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

*uma
tradição de
bom gosto*



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-86.289

EXIJA

SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

24 012-30 PANAM

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade Mútua de Seguros Gerais

OPERA NOS SEGUINTE PLANOS:

1. TOTAL, ORDINÁRIO DE VIDA, PAGAMENTOS LIMITADOS, TEMPORÁRIO, DOTAÇÃO DE CRIANÇA, SEGURO ECONÔMICO E EM CONJUNTO, SEGUROS EM GRUPO, SEGURO FAMILIAR COM SORTEIOS MENSAIS E SEGUROS DE RAMOS ELEMENTARES, TAIS COMO ACIDENTES, INCÊNDIOS E TRANSPORTES.

SEDE:

AVENIDA RIO BRANCO, 125

Caixa Postal, 398

RIO DE JANEIRO

Não se deixe enganar:

**placas brancas
na garganta
podem ser difteria!**



As crianças estão permanentemente sujeitas ao perigo de contrair difteria. Isto porque nem só os enfermos e convalescentes a transmitem. Já se comprovou que, nas grandes cidades brasileiras, em cada

100 indivíduos são existe um portador de difteria.

Muito cuidado! Dê a seus filhos uma segura proteção sanitária. Informe-se dos meios de prevenir, descobrir e combater a difteria.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida, Fundada em 1895



GRÁTIS!

A Sul America lhe oferece, gratuitamente, o folheto "Difteria".

A SUL AMERICA - CAIXA POSTAL 971, RIO DE JANEIRO
Peço-lhes que me remetam o folheto "Difteria"

Nome _____

Data do nasc.: dia _____ mês _____ ano _____

Profissão _____ Casado? _____ Tem filhos? _____

Rua _____ N.º _____ Bairro _____

Cidade _____ Estado _____

12-uuuu-139

O MELHOR PRESENTE

Antologia de poetas franceses
2.^a Edição

Organizada por R. Magalhães Junior

As moças — Os estudiosos — As pessoas de fino gosto e sensibilidade

T O D O S

Gostarão de lêr e de guardar este livro que é um incomparável tesouro poético.



Baudelaire

Os maiores poetas da França traduzidos pelos maiores poetas do Brasil e de Portugal.

Volume de 500 páginas brochado Cr\$ 100,00

Encadernação de luxo papel especial .. Cr\$ 200,00

Edições G. T. L. — Rua Barão de São Felix, 42 — Rio
Telefone: 43-7494.

CURIOSIDADES DO BRASIL

TAQUANDURA

(Ta-coa-nduba)

J. DAVID JORGE (Aimoré) — (Do Arquivo do Estado)

Há dias, D. Leonor Saraiva, telefonando para o Departamento do Arquivo do Estado, desejava saber, com muito interesse, qual o significado do vocabulo "Itaquanduba", de origem tupi ou nhengatu.

Louvavel curiosidade desta nossa patricia! Saber o significado de um termo tupoico... Na breve palestra que conosco manteve através do fio telefonico, disse-nos, esta senhora, que "Itaquanduva"; é a denominação de uma praia na ilha de S. Sebastião, no municipio de Ilha Bela. Afirmou-nos D. Leonor, que os moradores daquele municipio de S. Paulo, até hoje ainda ignoram o significado exato da palavra tupi "Itaquanduva", pedindo-nos, dissessemos "alguma cousa" sobre aquele vocabulo de origem brasilica.

Em primeiro lugar, diremos que a grafia exata do nome é Taquatuba, e não "Itaquanduva", que nada quer significar...

Teve esta denominação um antigo bairro (e praia na Ilha de S. Sebastião, no municipio de "Vila Bela", hoje trocado para Ilha Bela. Explicaremos porque Taquatuba ao invés de "Itaquanduva" que é foram corrompida. Em grande número de palavras de origem tupi, iniciada por "Tã", foi-se-lhes anteposto um "I", resultando daí uma enorme confusão nas suas respectivas traduções.

Assim, por exemplo, Taquaquicetuba, fizeram Itaquaquicetuba, que traducido para o português daria isto: pedra-furada-faca-abundancia, ou melhor: sitio abundante de facas furadas de pedra. Nada de disparates: Taquaquicetuba quer significar: lugar onde abundam taquaras que cortam como facas. Nos termos tupoicos iniciados por "Ita", em muitos, foi-se-lhes tirado o "i", como por exemplo: Itapeccerica, que vários autores querem que seja "Tapeccerica"... o nome da praia da Ilha de S. Sebastião, está incluído no primeiro caso, pois de Taquatuba, que era, fizeram-no "Itaquanduva" nada significando.

O vocabulo em apreço assim se decompõe: Tã-coara-tuba, por contração Tacoatuba, querendo dizer isto apenas: Taquaral, bambuzal, lugar onde abundam as taquaras (canas ou bambus). De Tã ou ta (haste, tronco, espiga, pé de planta), quãra, quar; quã, coãra, coar, coã, cuãra, cuar, cuã (buraco, furo; cova, orificio, caverna etc.) Juntando os dois elementos, teremos: Tacoãra ou taquara: haste furada, óca-uma espécie de bambosea, vegetando, de preferen em terras firmes; seu caule é durissimo, e os nossos arboricolas ainda o endureciam mais ao fogo para fabricarem dele pontas de flechas tanto para a guerra, como para caça ou pesca.

Rêde "RADIO CULTURA DO SUL DO RIO GRANDE"

Os melhores programas
e maior eficiência em publicidade.

PELOTAS — P. R. H. h — 1 Kw — 1.320 Kcs.

RIO GRANDE — Z. Y. C. - 3 — 820 Kcs.

BAGÉ — Z. Y. G. - 4 — 1.460 Kcs.

LIVRAMENTO — Z. Y. G. - 5 — 1.250 Kcs.

JAGUARAO — Z. Y. U. - 7 — 1.530 Kcs.

Anuncie no Sul do Estado, utilizando a

Rêde "RADIO CULTURA DO SUL DO RIO GRANDE"

ESC R I T Ó R I O :

SOCIEDADE DIFUSORA RADIO CULTURA LIMITADA

Rua 7 de Setembro, 307/309 — Caixa Postal, 268

P E L O T A S

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS**

Falaremos agora do sufixo "Tiua", que tem o seu equivalente em português na terminação "Al". Este "tyua" ou "tiua" foi mudado pelos civilizados em tuba, tiba, tiva, tuva, diba, duba, designando: lugar, sitio, pouso, onde há reunião ou abundancia de individuos ou cousas da mesma especie. Daí, Tacoá-tuba, o taquaral, o bambuzal (canavial), sitio abundante de taquaras.

Não existindono falar dos brasilindios as consoantes "V" e "D" puro, não se poderia grafar o nome "Taquaduva". O "V" deve ser substituído pelo "B", e um "N" sempre anteposto ao "D", pois o tupi, como já dissemos, não possui a letra "D" pura, mas sempre o grupo "ND". Taquanduba, portanto, o mesmo que Taquatuba ou Tacoátiba. O "N" da palavra, como vimos, pertence ao sufixo e não ao radical: Taquá-nduba: o taquaral, o bambuzal.

Nos vocabulos nasais, o sufixo "Duba" ou "Dita" pode ser empregado perfeitamente. Exemplos: tucum-duba (tucunzal); cunhadiba (mulheredo, reunião de mulheres); itacuba (conchal, muitas conchas), etc.

Vejamos agora o que nos diz o Dr. João Mendes de Almeida no seu precioso "Dic. Geog. da Prov. de S. Paulo": "Itaquantuba — Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella. Itaquantuba, corruptela de Ytã-cuá-tib-a," lugar de cascalho. De Ytã-cuá — cascalho", tib-a, "lugar natural das cousas". Póde ser pronunciado Itaquanduba".

Aqui tem D. Leonor Saraiva o que tanto desejava: um "Taquaral" português grafado em nheengatu-Tacua-nduba, Tacoa-ndiba, Taqua-tuba, Taqua-tiba ou Taquatyua, o mais legitimo.

Louvamos aqui a curiosidade de D. Leonor, que, como paulista de quatrocentos anos, é amante da história de sua terra, estudiosa das nossas cousas.

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA,
 De Mme. Campos
 Á VENDA EM TODA A PARTE

DR. UBALDO VEIGA

Especialista em doenças de
 pele e sífilis
 Chefe desta clínica na
 Beneficência Portuguesa

CONSULTAS

Rua do Ouvidor, 183-5.º - S. 504
 Nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — Das 16 às 17,30

ÓLEO DE OVO

Marca Registrada



*Cabelos sedosos
 e ondulados*



Exija o legítimo de
CARLOS BARBOSA
LEITE que traz o nome
 de garantia

PETROLOVO

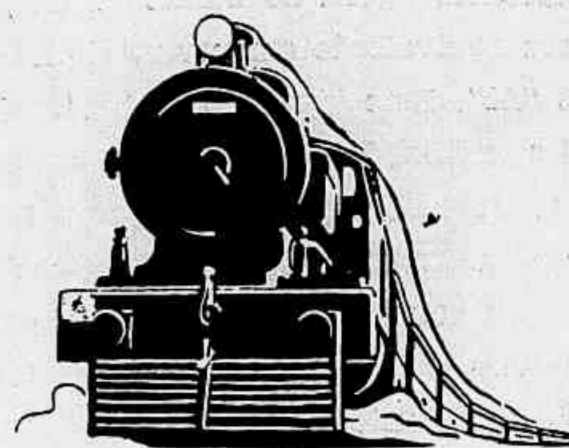
**CASEMIRA
 E
 TROPICAL**

BEBI PERI PERI

"O PANO QUE NÃO ACABA"

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

RODOVIÁRIO CENTRAL DO BRASIL



SERVIÇO RÁPIDO DE ENCOMENDAS E BAGAGENS

ENTRE

RIO — S. PAULO — BELO HORIZONTE — JUIZ DE FÓRA — DIAMANTINA e MONTES CLAROS.

TARIFAS MÓDICAS

INFORME-SE HOJE MESMO E FICARÁ CONHECENDO O MAIS PERFEITO E EFICIENTE SERVIÇO DE TRANSPORTE

* * *

FUNCIONA AOS DOMINGOS E FERIADOS
SERVIÇO RÁPIDO PREFERENCIAL

De Bagagens, Encomendas e Cargas de Porta a Porta entre Rio, S. Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fóra e Cruzeiro. Vice-Versa.

*

Em tráfego mútuo com as agências da Companhia Mogiana de Transportes; Companhia Paulista de Transportes da S. Paulo Railway; Agência Pestana de Transportes da Leopoldina Railway; Paraná-Santa Catarina.

*

ENCARREGA-SE AINDA DE: a) Efetuar despachos ferroviários para qualquer estação da Central do Brasil; b) Efetuar despachos ferroviários em tráfego mútuo ou direto com outras Estradas de Ferro; c) Retirar bagagens e encomendas dos Armazéns da Estrada.



TELEFONES DO SERVIÇO RODOVIÁRIO

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

Gerência	43-5508	Gerência	9-3222
Escritório	23-5280	Bagagens	9-3148
Bagagens e Encomendas	{ 43-4051	Encomendas	9-2938
	{ 43-4227	Cargas	9-2939
Armazém de Encomendas	43-7081		

JUIZ DE FÓRA

Cargas	{ 43-3823
	{ 43-8385

BELO HORIZONTE

Bagagens	2-7267	Bagagens, Encomendas e	
Encomendas e Cargas	2-7950	cargas	1313
		Cruzeiro	226

PREFIRAM O SERVIÇO
"RODOVIÁRIO CENTRAL DO BRASIL"

ILUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

AS MULHERES E A ACADEMIA

O ato solene da entrega de premios literários na Academia Brasileira foi precedido de uma ofensiva de boatos alarmantes. O que menos se disse foi que a interprete dos agraciados em vez de discurso de agradecimento faria explodir no recinto uma verdadeira bomba atômica verbal...

Os academicos não se assustaram com a noticia, porque já se acostumaram aos bombardeios retóricos.

Depois do escândalo modernista de Graça Aranha em 1922, não haveria mais novidade turbulenta para os graves senhores da casa de Machado de Assis.

Mas o certo é que o petardo não apareceu. A oradora começou por afirmar que nunca lhe passaria pela cabeça dizer um muito obrigado em seu nome e no de terceiros por forma tão violenta. Apenas estranhava que reconhecendo em tantas damas valor para recompensar-lhes o mérito das obras — nada menos de três obtiveram laureas no romance, no conto e na poesia — o mesmo critério não era adotado para recebê-las em seu seio.

Parece-nos despropositada a insistência nesse ponto pacífico. A Academia não hostiliza o sexo feminino, antes o prestigia conferindo a escritoras e poetisas as graças do seu aplauso, a condecoração monetária e honorífica de seus premios anuais, em igualdade de condições com os concurrentes masculinos.

Daí a incorporá-las ao seu quadro vai, porém, uma grande distancia. E' regra estatutária que não pode ser quebrada.

Os fundadores assim o entenderam, aliás seguindo modelo francês em que se inspiraram. Nenhuma razão indicaria que se alterasse a velha norma legal.

Acontece, além do mais, que se a Academia capitulasse diante de Venus teria de prestar contas a Apolo numa questão muito seria.

Entre as obrigações academicas está a da indumentaria. O fardão faz parte integrante da personalidade de quem transpõe as portas da immortalidade.

Como se arranjariam as damas, sem perturbar a linha da elegância, com uma farda pela metade, apenas a blusa verde com dourados?

Como se vê, o problema é mais complexo do que parece à primeira vista... A reforma não seria somente dos estatutos... Alcançaria também o guarda-roupa.

Na resistencia academica não se notam propositos anti-feministas. Trata-se de conservar principios estabelecidos. Mas, desde que as mulheres que escrevem e brilham na literatura acreditam no prestigio de uma instituição desse gênero, por que não fundam a sua Academia? No mundo das saias não faltam as que podem constituir um gremio dessa natureza, em condições de emparelhar com aquele em que mandam as calças...

PRAZER E REALIDADE

PRAZER E REALIDADE NO CIRCULO DA CONSCIÊNCIA

DEODATO DE MORAES

O homem é um ser submetido à ação de dois princípios adversos: o prazer e a realidade. Confirmando o mito de Platão, na estrada do prazer se encontra o desprazer; ambos se acompanham sem cessar, se sucedem e se substituem sem interrupção. O prazer é a resultante da atividade inconsciente que se exerce no sentido de seus fins naturais; e o desprazer, o desta mesma atividade desviada de seus fins. Ora, sendo a conservação da espécie e o desenvolvimento do ser os fins naturais por excelência, podemos desdobrar a presente lei nos seguintes postulados, sem dúvida os mais de acôrdo com a teoria freudiana. Todo desdobramento de atividade que favoreça a observação da espécie ou o desenvolvimento do ser, bem como toda a suspensão de atividade imposta por esta conservação ou este desenvolvimento, causa prazer. Todo desdobramento de atividade que comprometa a conservação da espécie ou o desenvolvimento do ser, bem como toda suspensão da atividade que não seja imposta por esta conservação ou este desenvolvimento, causa desprazer. O prazer diz respeito, pois, a uma força interna, instintiva, inconsciente. A realidade diz respeito à "adaptação à vida", à "aferência às exigências do meio", ao "preconsciente" e ao "consciente". Pela soma de afeto que possui, o prazer é sempre o objetivo das tendências do *ego consciente*, *animal*, mas sob a pressão da grande educadora que é a necessidade estas tendências não tardam a ser refreadas. A missão de fugir ao desprazer a elas se impõe com a mesma urgência e potencialidade que aquela de adquirir o prazer; o *ego inconsciente*, em luta permanente com as forças do ambiente, sente logo ao começo da existência do indivíduo que é forçado a procrastinar a satisfação imediata, a adiar a aquisição do prazer, a suportar certas repressões e delongar em geral certos estímulos. Surge assim, como produto da interferência do ambiente um *ego coerente*, *racional*, preconsciente ao começo e consciente mais tarde, que não se deixa dominar pelo princípio do prazer de modo absoluto, antes o acomoda ao *princípio da realidade*, que, no fundo, tem igualmente o prazer como fim, mas um prazer atenuado, diferido, conforme às exigências do meio. A passagem do princípio do prazer ao princípio da realidade constitui um dos progressos mais importantes no desenvolvimento da individualidade. Todas as atividades mentais podem ser dispostas, assim, em dois sistemas, segundo a sua correspondência com um destes princípios. Segundo Freud, estes dois sistemas de atividade mental, nitidamente separados, existem desde o começo da vida e podem ser considerados respectivamente como precursores do pensamento inconsciente e do pensamento consciente. Aquilo que denominamos nosso caráter repousa sobre os traços de lembranças de nossas impressões e são justamente as impressões que agem mais fortemente sobre a nossa individualidade principalmente em nossa primeira infância, que não se tornam quasi nunca conscientes. Cada processo mental é acompanhado de uma certa quantidade de energia psíquica (dinamismo) que corresponde, de um modo geral, ao que nós chamamos *afetividade*. Quando esta energia se encontra em quantidade excessiva, daí resulta uma tensão que nos dá uma sensação de desprazer. Neste caso existe sempre uma tendência constante (*desejo*) a provocar uma descarga e quando esta se realiza experimentamos uma sensação de prazer, de alívio, de satisfação. A maneira pela qual se produz o prazer em questão varia de complexidade segundo se trata de crianças ou de adultos. A criança certifica-se pela experiência que a satisfação de uma dada necessidade, da fome por exemplo, é associada a uma certa percepção da nutrição. Assim, a reprodução desta necessidade determinou o desejo de reproduzir a percepção associada à satisfação. Conscientes são todos os processos mentais que já passaram pelo cadinho do inconsciente e que seguem, à vontade do indivíduo, distintamente ou não, num momento desejado. Não há, pois, consciente sem preparação inconsciente. Preconscientes são todos os processos que alheios à consciência e à vontade, mas com profundas raízes no inconsciente, podem sobrenadar por si no espírito, fácil e rapidamente, ora claros, ora desfigurados. Inconscientes são todos os processos que não podem ser evocados espontaneamente pelo indivíduo a não ser com aplicação de métodos especiais, entre os quais convém salientar a psicanálise. Fundo de toda vida psíquica, o inconsciente pode ser comparado a um grande círculo que encerra um círculo

menor, a consciência. Ele é o psíquico em si mesmo e sua essência real. Sua natureza íntima, diz Freud, é tão desconhecida quanto a realidade do mundo exterior, e a consciência nos dá uma noção tão incompleta dele quanto nossos órgãos dos sentidos nos dão do que nos cerca. A ação do inconsciente afeta constantemente, por meios múltiplos e sutis, a nossa vida quotidiana, nosso caráter, nossos julgamentos e nossa conduta. É notável a falência total de nosso pensamento lógico e consciente que se manifesta nos fatos tão frequentes dos nossos esquecimentos, aparentemente inexplicáveis, nos lapsos de linguagem, nos erros de escrita, nas falhas de memória e outras bizarras de nosso espírito. Os mecanismos reguladores essenciais dos processos mentais tendem, nós já sabemos, a procurar o prazer, desembaraçando-se da tensão psíquica, e evitar o desprazer, impedindo a acumulação da sua energia. Ora, a tendência de procurar o prazer e fugir ao desprazer constitui o *desejo* no sentido mais amplo do termo. Quando, por um motivo qualquer, um desejo não pode ser satisfeito, a tendência da energia psíquica a se descarregar torna-se inibida; produz-se, então, uma espécie de obstrução local e o processo mental em questão perde seu poder primitivo de formar associações. Forma-se assim um "complexo" circunscrito. É pela *censura* que o princípio da realidade se manifesta contra tudo quanto possa acarretar desgosto ao indivíduo em sua vida moral, social, estética, científica ou religiosa. As tendências reprimidas, longe de desaparecerem, continuam, pois, em permanente conflito com os critérios morais, sociais, estéticos e outros que prevalecem na consciência de uma determinada pessoa. A atividade consciente, deliberada, pela qual nós afastamos de nosso espírito certas ideias, atividade que nos é tão familiar, não representa senão um papel ínfimo na repressão, que aparece sobretudo, como o efeito de um esforço automático e inconsciente de manter uma separação entre as duas ordens de processos mentais, incompatíveis entre si. Freud vê na repressão um mecanismo de defesa biológica, destinada a proteger o espírito contra as experiências penosas.

OS FOLHETINS TAMBEM

A cada volume novo, os leitores atiram-se às livrarias e somem-se as edições. Os editores compreendem que está aí o grande negócio. Enchem de cartazes coloridos e vistosos todos os muros e paredes do país. Assinam contrato para novas traduções do gênero, e preparam as máquinas impressoras.

Lentamente vai, entretanto, se formando uma reação. É um protesto letrado, erudito, com intenções de profilaxia artística. Os autores, que nunca tiveram cartazes em parede, sentem-se espoliados. O vasto pessoal do "sereno" da literatura faz um ar contrafeito, por solidariedade. E os leitores de boa classe condenam também a enxurrada folhetinesca. Esta tendência atual tem razões sérias, e merece uma opinião final, mas após algum exame. Em primeiro lugar, ela não é propriamente uma orientação tomada por nossas letras, não é propriamente um fenômeno literário. É resolução de editores, tentados pela voga cinematográfica. Quem se puser sentado do lado de lá de suas mesas de trabalho desde o primeiro minuto há-de pensar, como eles, em que contar com um filme de Clark Gable para propaganda de seu livro é uma bela chance. Mas nós outros, que estamos de pé, do lado de cá da mesa, com um original de romance proustiano debaixo do braço, julgamos a coisa reles, comercial, e sobretudo perigosa para a formação do bom gosto da nossa massa de leitores.



de ideias

GUERRA TOTAL E DEFESA DA NAÇÃO

ARI MAURELL LOBO

Foi-se o tempo em que as guerras eram lutas entre profissionais — as forças armadas. Hoje, elas se processam entre as nações malvindas. E tem por palco — o mundo. Justamente por isso é que todos os povos, quando a guerra devasta outros países, devem precaver-se. Porque, sem o sentir, estão sendo trabalhados. Junto a eles, os beligerantes manobram e se engajam numa luta diferente daquela que é pejudicada nos campos de batalha, mas de efeitos decisivos sobre a vitória ou a derrota. A guerra moderna é total. Não distingue combatentes e não combatentes. Porque a todos os cidadãos, homens e mulheres, cabe o dever da defesa nacional, empregando-se cada um onde possa ser mais útil à causa comum que é a vitória completa, integral, em prazo curto, com a perda mínima de vidas e riquezas. Alastra-se a guerra dos soldados nas zonas de frente aos cidadãos nas aldeias mais longínquas. E sai pelo mundo afora, a seduzir alianças e a criar indisposições. A guerra moderna não se contenta com os planos militares; exige também os planos de mobilização industrial e utilização dos recursos nacionais. É que ela reconhece que ter uns e não ter outros é não ter coisa alguma. A defesa nacional é um problema de harmonia. Conjugando e acertando esforços, dirigí-los no mesmo sentido, para que somem dando a resultante maior. Não há que considerar as forças armadas isoladamente, nem o povo isoladamente, nem os recursos econômicos isoladamente. Há que considerar o todo, em perfeito sincronismo as partes que o compõem. Desde a paz, é de mistério a unidade de direção, para garantir a unidade de vistas. Erram de modo lamentável os que consideram o exército e depois a marinha, e depois a aviação, e depois os carros de assalto, e depois a organização industrial, e depois a economia nacional, como se não houvesse um problema único a exigir uma solução única. Hoje mais do que ontem pode a guerra irromper de chofre, sem que haja a justificável a menor provocação. E a repentina mutação de estado de paz em estado de beligerância é possibilidade iniludível até mesmo para os países mais avessos às soluções violentas. Não basta a um povo o deliberado propósito de jamais provocar a guerra, porque esteja safo. A sua situação geográfica, as suas

riquezas, a sua prosperidade, o seu grau de civilização, a sua capacidade militar, e mil e um outros fatores, tudo isso pode ser a causa de a guerra vir bater-lhe em cima, inopinadamente, trazida pelas armas de um inimigo do qual nem desconfiasse talvez na véspera da agressão. A guerra total é a lei da guerra moderna. A história revela que, havendo perfeita similaridade de ideais entre dois povos em luta, as ações bélicas obedecem, em geral, a certas regras e prescrições de antemão estatuidas. Fazem as nações disputantes uma guerra codificada. Mas quando há completa dissimilitude nos propósitos dos partidos que se enfrentam — por exemplo: o entrecchoque de duas ideologias, de dois sistemas de vida, de duas culturas — a guerra tem que ser mesmo de aniquilação ou total. Há quem suponha a completa independência dos diferentes aspectos da guerra total. Há quem pense até, dentro do círculo militar, em guerra terrestre, em guerra aérea, em guerra marítima, cada qual com autonomia absoluta. A guerra é uma só. E abrange com intensidade crescente as diversas esferas nacionais, abolida a distinção entre combatentes e não — combatentes, que a todos compete a obrigação de colaborar na vitória. O que tem as guerras parciais é estratégia particular, ou melhor, as suas exigências, os seus métodos, as suas regras de conduta. Essas várias estratégias manobram, porém, em íntima correlação, tomando de comum acórdio medidas ofensivas e defensivas. Assim que, do ponto de vista ofensivo, a estratégia política tenta enfraquecer o prestígio do partido contrário perante o mundo. Ou pela formação de alianças, ou pelo alinhamento de poderes, ou pela pressão sobre os neutros. Enquanto a estratégia subversiva procura indispor entre si — povo e governo do país inimigo; e inocular nas massas populares adversas — o desânimo e a convicção da inutilidade de quaisquer esforços. Do ponto de vista defensivo, ambas essas estratégias que se combinam em a guerra dos nervos ou guerra psicológica, procuram sintonizar as legítimas aspirações nacionais com os objetivos da campanha; e criar a mística da pátria, de sorte que cada cidadão se compenetre de que lhe cabe um papel na defesa nacional; e elevar o moral com a difusão rápida de notícias favoráveis e a censura das que possam ter efeito danoso; e, finalmente, eliminar por completo a propaganda e o trabalho subversivo dos quinta-colunistas. Já a estratégia econômica se propõe não só a impedir que o inimigo produza ou adquira quanto haja mistério para suprimir as forças armadas e satisfazer as necessidades da população civil, mas também a aumentar a produção própria com garantir as quantidades suficientes de matérias primas. Hoje como sempre, a vitória a depender de três componentes: O homem, o moral e o material. É muito para notar a importância atual da guerra psicológica, assim denominada por ser conduzida com arpegos intelectuais e morais, em ordem a solidificar o prestígio de quem os utiliza e enfraquecer o partido contrário em face das nações neutras. Guerra psicológica ou guerra de nervos, porque é pela exacerbação do sistema nervino que tenta provocar as psicoses que podem levar o adversário à insurreição contra o governo legal ou à tentação de ouvir propostas de paz. Guerra dos nervos ou guerra branca, já que em vez de rios de sangue, se contenta com a exaustação nervosa do inimigo em grau suficiente para lhe determinar a paralisia da vontade. A guerra moderna, que é um embate de pessoal e material e moral contra pessoal e material e moral, não se satisfaz com os planos de mobilização e emprego do potencial humano. Quer também os planos de mobilização da opinião pública e da mobilização da economia nacional. É que ela reconhece que ter uns e não ter outros — é não ter coisa alguma. Opinião pública, forças armadas e economia hão de marchar de mão dadas, em prol da segurança nacional. Uma vez que a guerra moderna apresenta quatro aspectos concomitantes, é obvio que sejam quatro as linhas da defesa nacional, por tal arte ligadas entre si que de continuo se apoiem e se ajudem, de forma a impedir que o inimigo, com destruir uma delas, fique a ponto de assenhorear-se de todo o sistema.

TÊM DIREITO

CLOVIS RAMALHETE

É aí, justamente, que vai uma grande impropriedade de conceituação. Os leitores de folhetins também têm direitos, e a verdade é que as obras de bom nível artístico sempre foram editadas ante um sereno alheamento deles. Se quisermos levar esta distinção a um extremo ainda maior, podemos estabelecer que muito poucas são as probabilidades de o interesse de livraria coincidir com o interesse artístico e histórico das edições. "Paul e Virginie", de Bernardin de Saint Pierre, foi editado em meio a uma grande indiferença dos "salões" e do público da época. Poucos lançamentos, como "Crime e Castigo", de Dostoiévsky, a um tempo ocuparam a crítica literária e os caixeiros de livraria.

O que se deve esclarecer primeiramente é que, por todos os motivos, há duas histórias da literatura a se fazer: a do gosto das sociedades das épocas, com o sucesso de livraria consequente, e a outra, a que dá lugar a biografia em tratados colegiais, determinada por uma depuração de gosto, subjugada a oscilações de clima cultural das sociedades, cujas obras atingem, mais ou menos em cheio, um complexo sutil de interesses e qualidades que as imortalizam. — Mas nenhuma delas tem direito de excluir a outra de seu lugar sob o sol.





Outro tanto se passa na poesia. Aqui a matéria é singularmente controvertida. A poética e o teatro de Machado de Assis são os dois ramos de sua atividade literária aos quais mais se tem levantado objeções. Seu teatro, de fato, não abrangeu tôdas as amplas formas que permitiriam comparação com a produção geral, no Brasil ou fora. Mas na poesia Machado de Assis tem todos os elementos para o confronto que se intende fazer. Foi lírico e condoreiro; tratou o tema indianista e o afro-negro; foi clássico e romântico, precursor e realizador do par-

monstram o contrário. A obra de arte, quando tocada de um razoavel senso de universalidade, jamais perece. Quem escreveu "A Mosca Azul" e o "Circulo Vicioso" nunca poderá ser relegado ao esquecimento por quem quer que saiba ler e saiba, através de meia dúzia de linhas em prosa ou verso, identificar uma idéia sua, um sentimento seu, que hajam encontrado eco na pena de um verdadeiro escritor, poeta ou prosador. Mesmo que Machado de Assis só houvesse produzido essas duas joias de beleza e de síntese humana, seu nome teria de ficar entre

MACHADO DE ASSIS MESTRE DO CONTO E DO VERSO

MODESTO DE ABREU
DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Pode-se afirmar que a glória de Machado de Assis como mestre do conto brasileiro está hoje firmada definitivamente, sem nenhuma contestação. Não faltam mesmo os que entendam

ser esse o seu gênero por excelência, considerando-o como contista, mais alto que como romancista. Para muitos, os romances de Machado de Assis pecam pela ausência da nota descritiva, acostumados como estão ao comum do gênero, na conformidade dos canones românticos e naturalistas, uns e outros sempre ávidos de explorar esse filão fácil.

A partir das "Várias Histórias", dos "Contos Fluminenses" e da "Relíquias da Casa Velha", a técnica do conto transformou-se em nossos meios literários. E' bem verdade que houve influência direta de Maupassant e de Eça de Queiroz, os dois autores de contos mais lidos em plagas brasileiras. Mas a copiosa produção de Machado no gênero e o exemplo da sua penetração na alma do nosso povo citadino, ajudados pelo senso da medida que o imunizava contra todos os excessos e extravagâncias do fim do século, impuseram-se a quantos entre nós escreveram, no livro ou no jornal, ao tempo em que ele viveu e nas primeiras gerações que se lhe seguiram.

Em todos quantos receberam o benéfico influxo do seu convivio podemos notar o quão profundamente atuou a figura do Mestre com a sua circunspeção e o seu respeito pela nobreza da função do escritor, pondo toda a sua arte no cinzelamento de tantas jóias finíssimas, às quais nem antes nem depois coisa alguma do que se produziu no gênero em nossas letras é lícito comparar. Não se trata desse proselitismo fácil, de aparências, de imitação, de pastiche, que costuma caracterizar a formação mais ou menos estardalhante de escolas em geral efêmeras. Justamente os casos esporádicos de decalque ou contrafação da obra machadiana é que menos exprimem essa influência. Quando quisermos mostrar sinais evidentes da fecundação exercida por seu gênio no espirito da nossa literatura ainda claudicante, mais de pressa iremos analisar o que se vem produzindo, em matéria de conto, nos últimos setenta anos, sem aparente ligação com a técnica machadiana, do que trazer à consideração os oito contos, curiosos e bem imitados, da "Alma Alheia" de Pedro Rabelo, que teve a deliberada intenção de os escrever à mineira do Mestre.

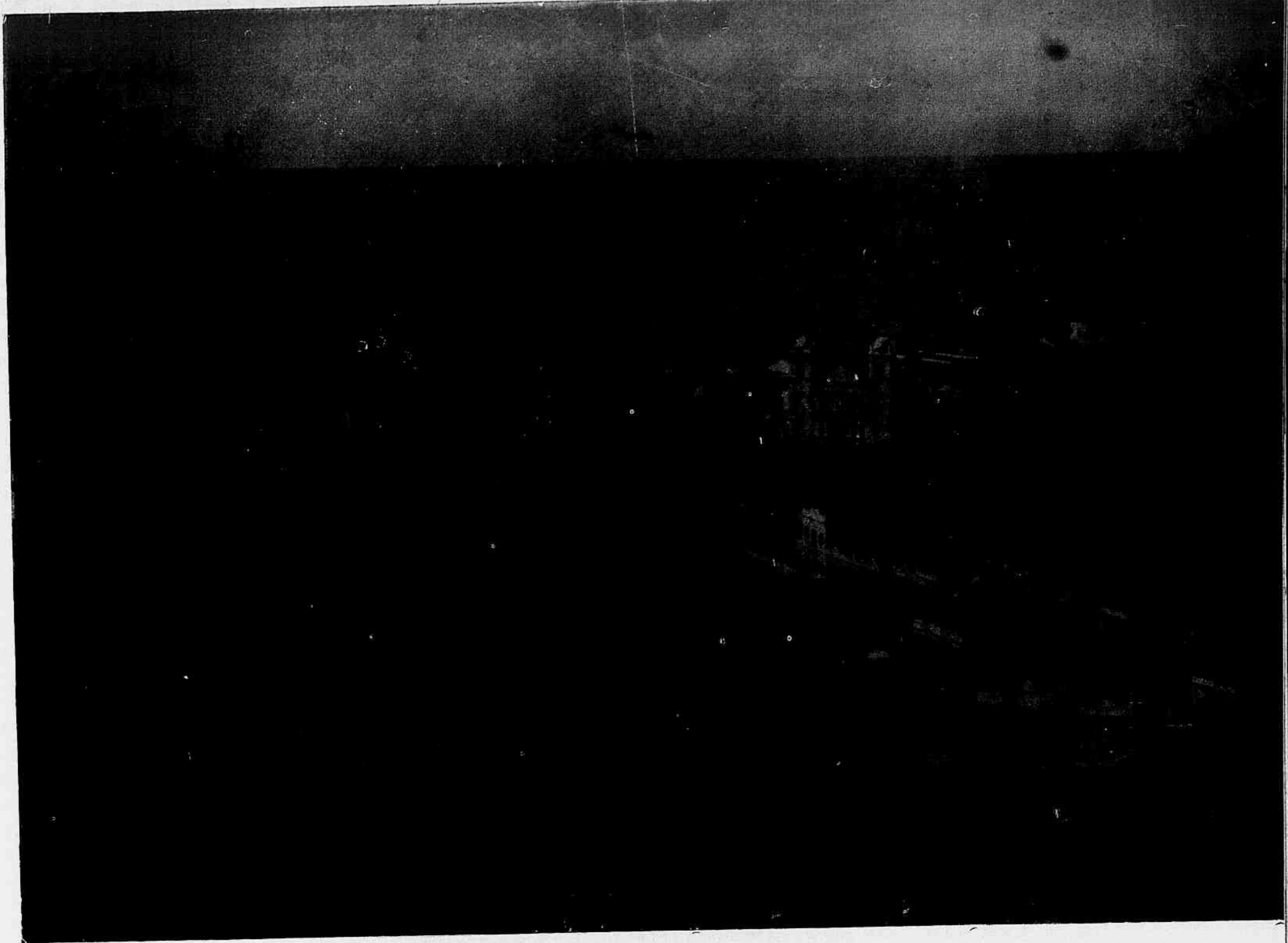
nasianismo, tendo sabido apropriar do simbolismo os efeitos que não contradissem os ditames da forma nem afetassem a integridade do conteúdo: fez o poema heroicômico e a comédia versificada; compôs a paródia e a poesia faceta; traduziu a fábula e a epopéia; manejou como mestre o bom decassilabo clássico português e deu feição nacional ao alexandrino e à redondilha dos franceses, desarticulando-lhes sabiamente os ritmos, à maneira de Chénier, e, acima de quaisquer outras considerações, sagrou-se antológico, com meia dúzia de produções lapidares, indispensáveis, repetidas, transcritas, decoradas, recitadas em tôdas as escolas, ano por ano, pela mocidade que se educa no conhecimento e no sentir das páginas magistrais de nossa literatura.

Não obstante, a critica não é unânime em reconhecer-lhe os foros de grande poeta, a que tem incontestavel direito. Certamente a inicial educação clássica e em seguida discreta adoção dos processos românticos não lhe permitiram, nos versos dos três livros iniciais, amplos surtos, que de resto ficariam em contradição com o tom geral de sua obra em prosa e com a formação toda especial do seu espirito. Não é fácil reunir, entre os seus primeiros versos, um número razoavel de composições que ainda hoje nos possa extasiar e nos fale intimamente à sensibilidade. Mas isso é fenômeno que se verifica com a generalidade dos poetas clássicos e com a maior parte dos grandes românticos e mesmo dos parnasianos. Tudo depende muito das notas que o poeta feriu de preferência e dos processos empregados, hoje por inteiro diferente. Castro Alves, no verso, como Alencar, na prosa, já não podem ser lidos com o mesmo agrado com que os liam nossos avós, educados em outros gostos e influenciados por outras estéticas.

E' todavia um absurdo profetizar, como já se fez, que a poesia de Machado de Assis estava fadada ao esquecimento. Os fatos de-

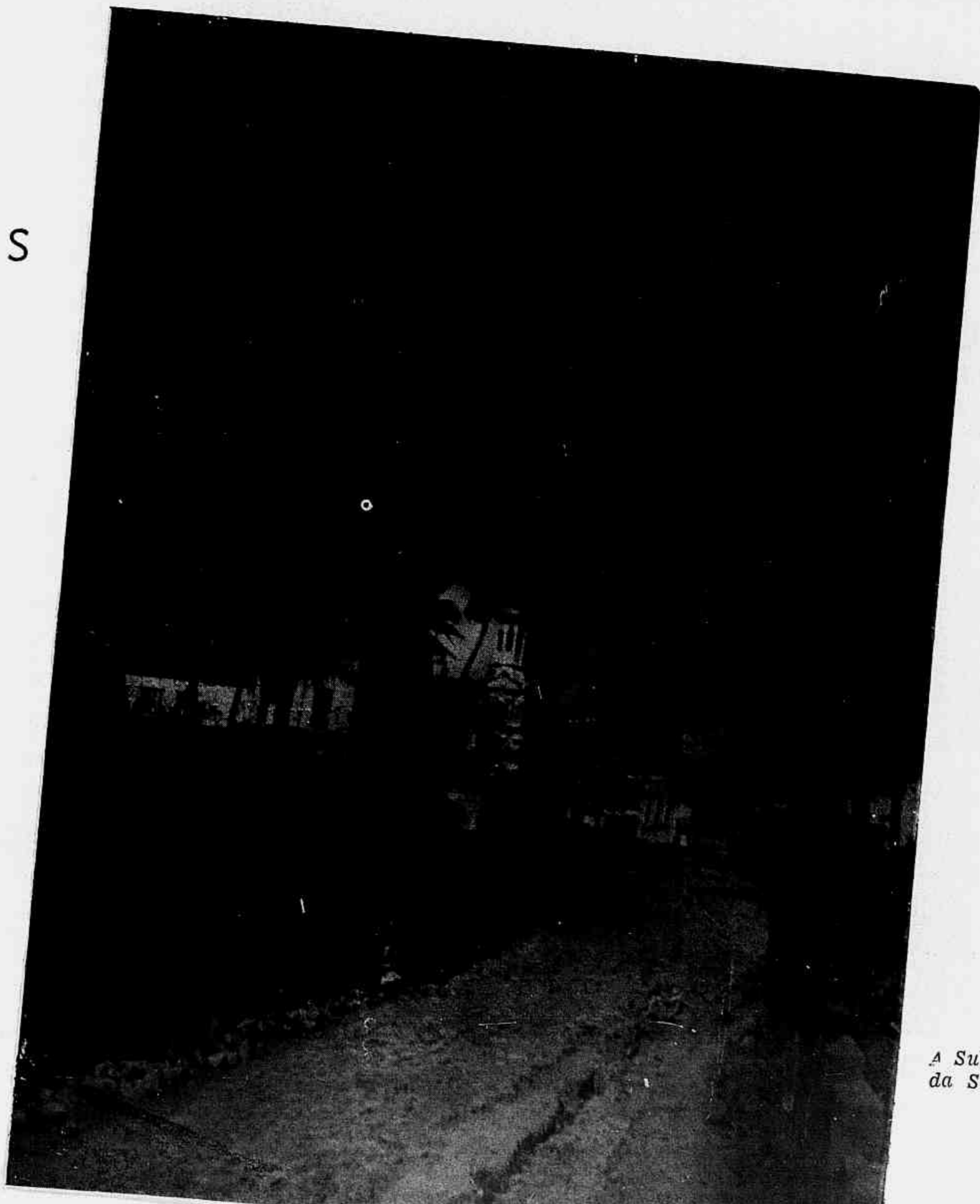
os dos maiores poetas da lingua que falamos. Ninguem se lembra de outros versos de Arvers além do soneto famoso; nem há quase quem conheça outros versos de Soulyry afora aquele magistral soneto das "Duas Mães" também traduzido como os "Dois Cortejos"; entretanto, quem lhes poderá riscar os nomes das antologias, suprimindo-os da história da literatura francesa? Dir-nos-ão: sim, concedemos que o poeta das "Occidentais" seja, de fato, um grande poeta, um nome de primeira plana no firmamento poético de nossa literatura. Mas onde está a sua mestria? em que influiu? que frutos produziu o seu exemplo? Essas perguntas já as formulou Pedro de Couto, quando, há trinta e cinco anos, publicou um de seus mais belos livros de criticas e exegese literária. A resposta dará cada um facilmente a si mesmo, observando como se fazia o verso no Brasil antes e depois de Machado de Assis; como tendia ao exagero a nossa extemporânea educação clássica; como era palavroso e vago o nosso romantismo; como tendia a principio para a esterilidade de uma formalistica vazia a nossa incipiente escola parnasiana, recortada sobre figurinos parisienses, e como evoluiu a politica de cada um daqueles grandes poetas que desde cedo conviveram com a sensibilidade aparentemente fria do cantor das "Falenas" e como se conservaram desordenados aqueles que se lhe collocaram em campo oposto. Basta citar, entre os primeiros, Alberto de Oliveira, Luiz Guimarães e Olavo Bilac; entre os segundos, Cruz e Souza, Múcio Teixeira e Luis Murat.

O exemplo de Machado de Assis, quer na prosa, especialmente no conto, quer no verso, sobretudo na face parnasiana, foi de uma profunda influência, de uma influência benéfica e duradoura, que não é lícito ignorar e muito menos desprezar. Nesse sentido, ele foi dos mais preclaros mestres, dos mais seguros mentores, dos mais eficientes orientadores da literatura nacional.



*OLINDA — Um
trecho da velha
cidade
pernambucana*

PAISAGENS
DO
BRASIL



*A Subida
da Sé.*

ACONTECEU EM 30 DIAS



Ao assumir a pasta da Educação o novo ministro referiu-se à necessidade de democratizar o ensino. É um professor que conhece o seu ofício e sabe, de ciência própria, que vivemos, nesse capítulo, de artifícios nocivos. O fato de o governo conceder o ensino superior e uma pequena parcela do secundário, gratuitamente, não significa que a Constituição esteja sendo cumprida na sua plenitude. Para os milhões de brasileiros que precisam aprender e ter abertas todas as portas ao estudo, não basta a migalha que atinge a menos de um milhão em todo território nacional. As escolas primárias espalhadas pelo país apenas beneficiam a um mínimo da população. O resto, perto de quarenta por cento da infância em idade escolar permanece do lado de fora, entregue à ferocidade do analfabetismo. Fez-se do ensino uma indústria privada rendosa, exatamente porque o Estado se distraiu do cumprimento de seus deveres nesse assunto. Aos pobres se negam facilidades de acesso à escola. E uma democracia que se preza tem de cuidar, antes de mais nada, de criar massas esclarecidas, que possam exercer as atividades cívicas de acordo com a sua consciência, e não como automatizados à mercê de aventuras eleitorais primárias. O novo ministro da Educação pôs o dedo numa velha ferida. Resta que entre em ação para sará-la...

A censura cinematográfica andou às voltas com um filme que lhe pareceu, a princípio, impróprio para menores e mesmo para maiores... Os interessados defenderam-se e fizeram em torno do caso uma violenta publicidade. No fim, saiu a autorização, ninguém sabe se por força de cortes oportunos ou se de empenhos prestigiosos... O fato é que o filme foi exibido, as filas se desdobravam diante da casa exibidora, e a curiosidade maliciosa do povo foi mais uma vez atrás de um decepção. Os que saíam diziam aos amigos que ainda não tinham visto a fita: não vale a pena vê-la... Não tem nada de extraordinário... É água com açúcar... Esse não tem "nada de extraordinário", esse "é água com açúcar", diz tudo. A pornografia que a censura fazia adivinhar no seu rigor se reduzia à expressão mais simples. E a corrida dos curiosos fôra para ver cousas escabrosas, supostas através da propaganda... Episódios semelhantes se registram frequentemente. Películas há que não encerram nada de obsceno, mas que proibidas despertam logo a curiosidade dos que se deleitam com os espetáculos fesceninos. Ganham com isso os que especulam com o gênero condenável, mas perde em autoridade o departamento a que está entregue a vigilância da moralidade dos costumes. Conviria que a censura procedesse daqui por diante com mais cautela...

O Museu de Arte Moderna está em guerra aberta ao Congresso Eucarístico por causa do terreno da praia das Virtudes, no aterro do aero-porto. Não existe na cidade um ponto como aquele para a reunião do grande certame católico. A sua proximidade do centro como que indica para uma demonstração de fé ao ar livre, no estilo dessa que se prepara. Para uma mobilização de fiéis das proporções dessa em perspectiva não se encontraria outro logradouro mais acessível, principalmente atendendo a que uma massa enorme de participantes virá de fora e deverá alojar-se de preferência na zona urbana para evitar as complicações com os transportes. A Igreja ponderou todas essas cousas e obteve das autoridades municipais a cessão do trecho do Calabouço onde se plantou o marco do futuro museu modernista... Querem os interessados nesse aspecto da arte impedir que ali se concentrem os religiosos para o seu ato solene a céu aberto. Pensam que a Prefeitura não podia emprestar o que lhe não pertence. E lutam tenazmente para atrapalhar o Congresso. Mandam, porém, a verdade, que se assinala a inoportunidade desse gesto de oposição às autoridades eclesásticas. A Prefeitura ainda não deu aquele pedaço, apenas está autorizada a fazê-lo por decisão legislativa. Só depois disso concretizado é que o Museu terá direito de reclamar e até de embargar...

Em sua conferência na Escola Superior de Guerra o vice-presidente da República discorreu com profunda sabedoria sobre uma série de problemas de alta política. É bom que se ressalve a expressão no sentido aristotélico, para evitar confusão com os nossos maus costumes de campanário... Disse o sr. Café Filho cousas muito interessantes e sugestivas a respeito do Brasil nos vários regimes que tem experimentado, no tempo das capitânicas, no Império e na República, e salientou as nossas marchas e contra-marchas, ora com a centralização, ora com a federação... Um dos tópicos mais incisivos, entretanto, dessa conversa com o alto comando militar do país, não foi comentado. Deram preferência ao que cheirava mais à política, do que ao que envolvia aspectos sociológicos. Todavia, o sr. Café Filho aludiu a uma questão da maior importância na formação da nacionalidade, e vem a ser o que ele chamou de alheamento das elites. Realmente as nossas camadas ditas superiores falam há muito uma língua que o povo não entende. A cultura, para elas, não tem o sentido germânico, isto é, o mundo dos conhecimentos que resultam do contacto direto com o meio em que se vive. Com efeito, as nossas elites, desde o nascimento da Pátria, vivem de costas para o Brasil, debruçados sobre o Atlântico, a pedir inspiração a estrangeiros para os negócios domésticos...

A ALEGRIA DE CERVANTES

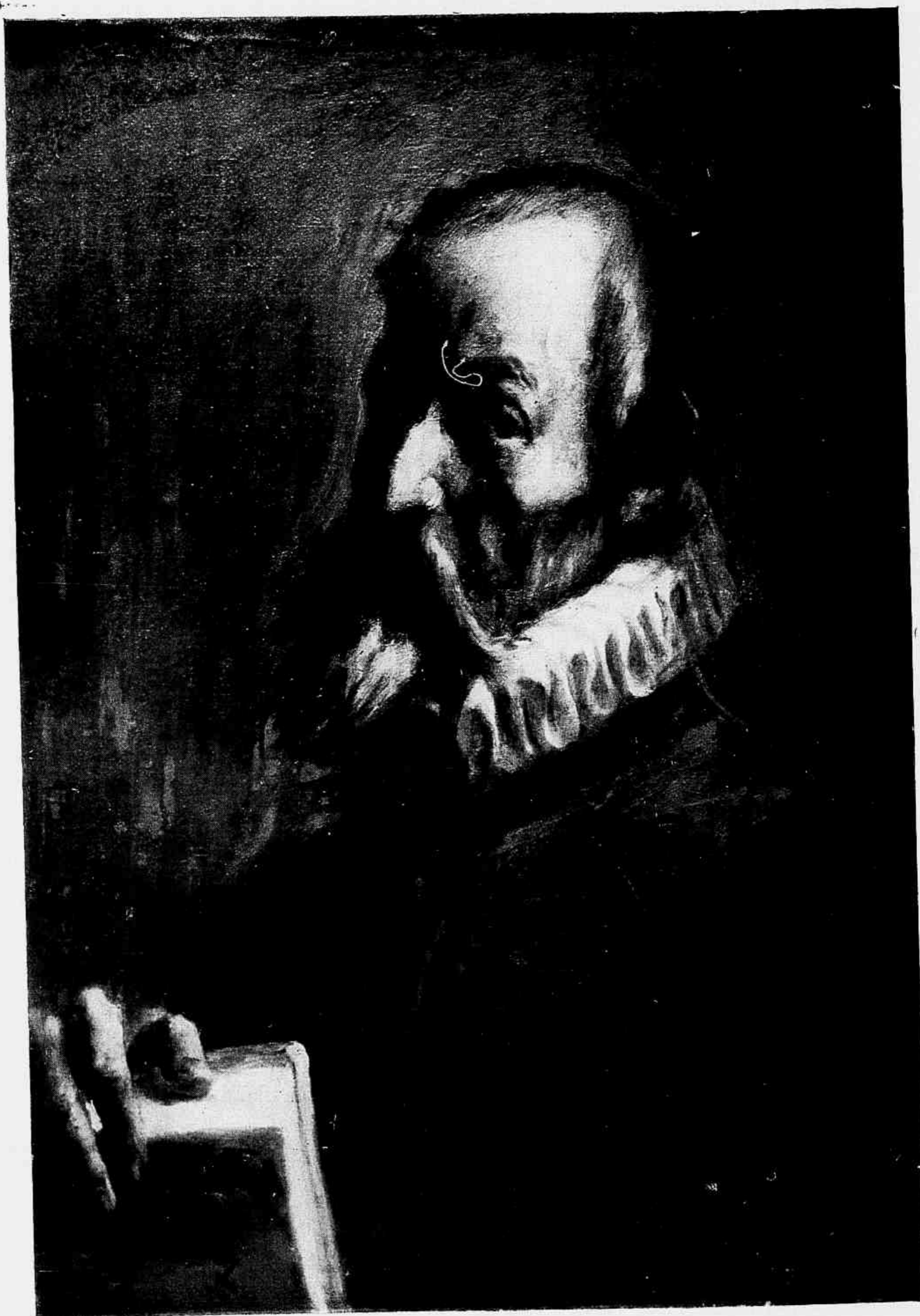
Genios, como o de Cervantes, servem-se do riso, como de um edulcorante para fazer o homem ingerir de boa cara o corretivo, às vezes amargo, de seus ridículos físicos ou morais. Valem-se da crítica com elegantes modos, sem brutalidade, sem aspereza, sem agressão, com uma alegria afável e impessoal, de modo genérico, adotando para seu alvo um tipo simbólico, com o que evitam vexames individuais. A crítica assim empregada é um catártico e um deterativo suave, que despega da alma humana os detritos das paixões e dos complexos sem substância mas inibitórios, e destrói, na sociedade, os espantalhos dos preconceitos e das congregações formalistas ou ortodoxas. Se não consegue um resultado completo imediato, as raízes desses males que ficam no fundo do subconsciente não subsistem, pois são respigadas continuamente pela ironia, que, uma vez divulgada, é exercida pelo povo com a grossa picareta da chalaça, que fere fundo e desenterra a restolhada das implantações mais raigosas.

Foi o que ocorreu com a obra de Cervantes, contra os desvarios da cavalaria andante, com sua heróide tragicômica em prosa a Dulcineia, e a contraposição gordalucha e comodista de devoção dos sentidos na realidade de Sancho.

Cervantes, com D. Quixote, como Rabelais com Gargantua e Pantagruel, usaram daquela forma simpática de crítica para assaltar o ridículo, que Bernardin de Saint-Pierre definiu como "contraste natural do terror humano". Efetivamente só respeitamos os ridículos alheios pelo medo ou receio de que conosco se indisponham suas criaturas. Nem sempre será "terror", mas certamente é um resíduo ou formação elementar dele.

"Dom Quixote" recebido, de início, no mundo cortesão e na alta esfera cultural com reserva, provocou o sorriso por trás do leque nos cochichos ao ouvido. O "medo" não tardou a passar, o que abriu as portas ao comentário franco. E este baixou aos ouvidos já desabusados da lacaiada, donde se escoou para o povo. Explodiu, então, na gargalhada escancarada da multidão, os gorgomilos à mostra. Caminhou, a seguir, até às fronteiras nacionais. Transpô-las e foi transbordando de lindes a lindes, universalizando-se como um oceano em que todos os outros extravasassem. Eis o milagre da força divina do gênio. Das gotas de tinta caídas de uma pena minúscula sôbre o pa-

pel num quarto pobre, ou numa das enxovias asfíxiantes em que Cervantes foi enclausurado, diversas vezes, pelo govêrno de sua pátria, formou-se aquele oceano dos oceanos, que inundou o mundo com a alegria de uma fonte restauradora de vida para levar ao coração do homem, perseguido pelos fantasmas de suas próprias convenções e prejuízos, a saúde, a frescura, a limpidez do céu, e a música das brisas e das rajadas, o aroma terebentinoso dos pinheirais e a respiração estentorica das florestas e das águas imensas na plena liberdade de sua expansão dentro das realidades invencíveis da vida.

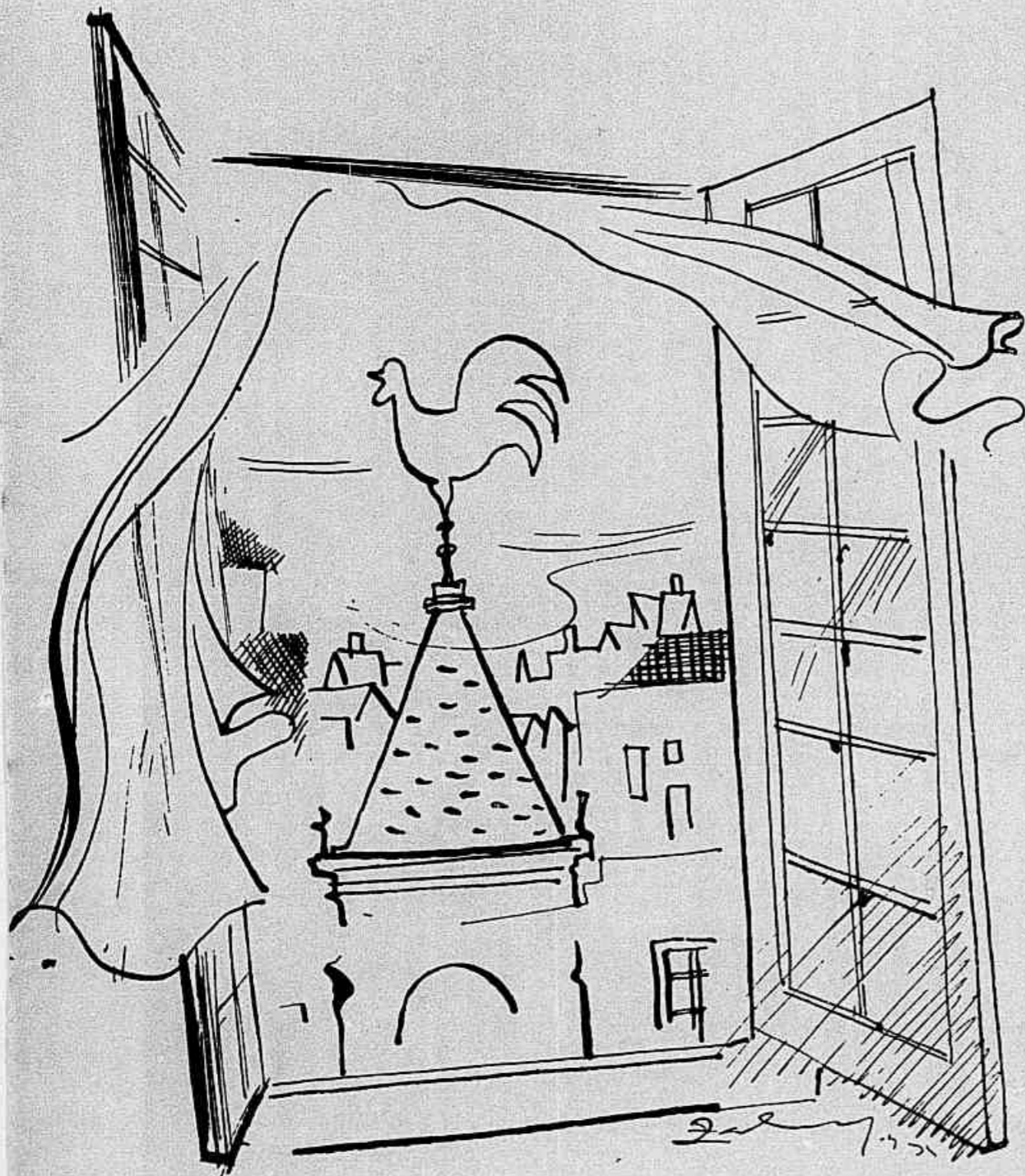
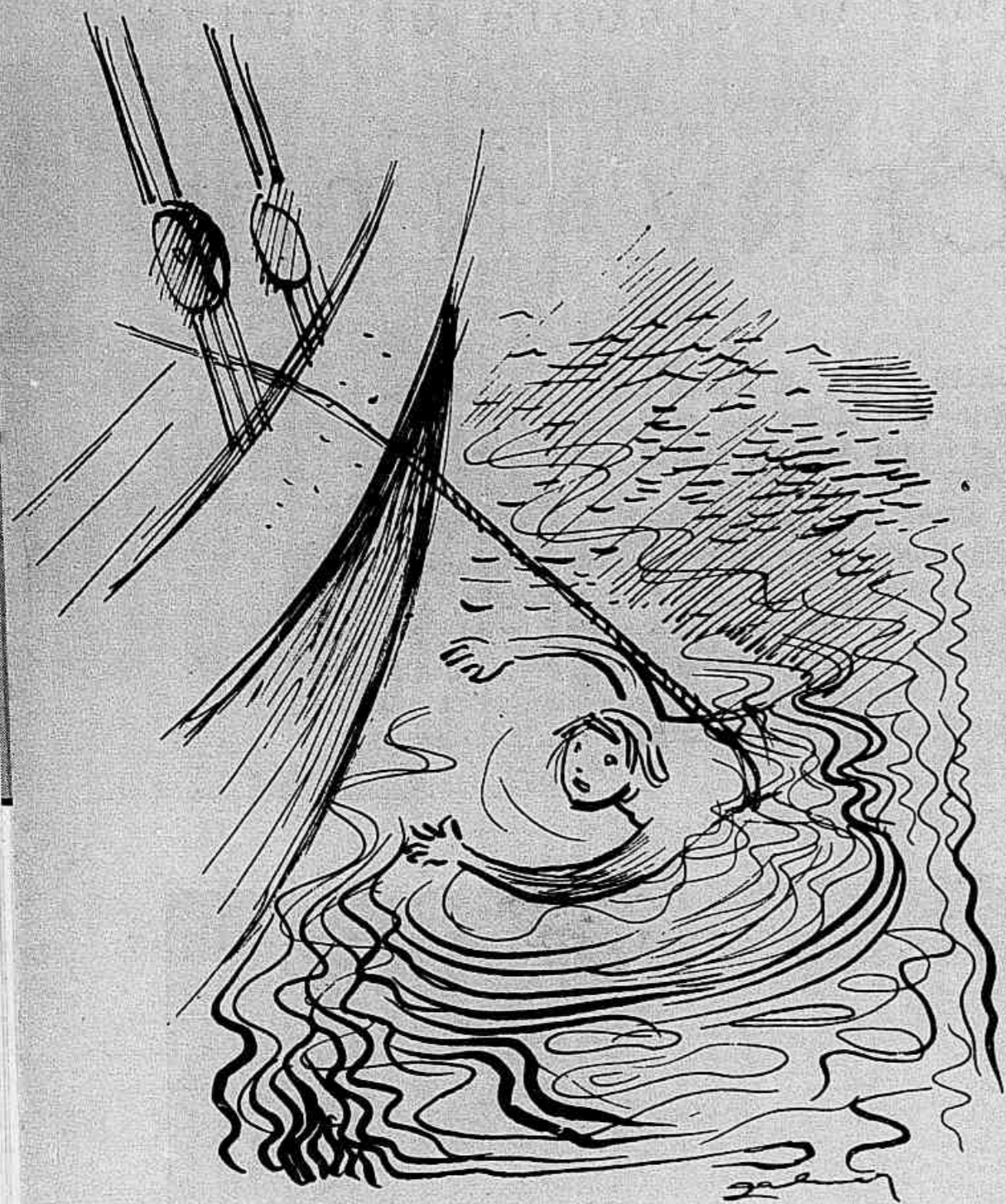


O MEDO, ENTIDADE ABSURDA

Certo Príncipe russo viajava, numa esbelta nau de prata, com os quinze ajudantes e os trinta e sete escravos. Entre eles havia um que não fizera os treze anos. Como nunca fôra levado perto do mar para vêr a sua grandeza, nem jamais pusera o pé num barco, nave ou navio, chorava e tremia de mêdo agarrado ao mastro maior — que era o mastro da bandeira. Então, um dos mais velhos servidores disse: — Se vossa alteza me autoriza faço com que o menino perca os nervos de menina amedrontada. — Podes fazer o que fôr justo. Ataram uma corda resistente ao corpo do pequeno escravo. A seguir atiraram-no ao mar, prendendo a corda a um grôso braço de madeira onde os marujos prendiam a escada de serviço quando fundeavam num pôrto e, numa lancha, iam a terra para comprar alimentos, ou tratar de qualquer outro serviço. O pequeno mal sentiu as águas, instintivamente, desata a nadar para o costado da nau opulenta. Ao puxarem-no, sorria; já era outro. Aquele batismo improvisado, e mais puro, transformara o seu caráter e, talvez, a sua consciência. Do mesmo modo não conhece o prazer de uma alegria na vida quem nunca passou pela fatalidade ou, ainda, pela derrota.

NÃO HÁ MOTIVO SEM CAUSA

Naquela fim de tarde o vento norte apareceu mal humorado e pôs-se a embirrar com um jeitoso galco de ferro erguido na igreja. — Põe-te quieta, ladino, desinquieta galarudo, dizia o vento enfurecido, raivoso. Sempre de um lado para outro, inconstante, revoltado, não sossegas, põe-te quieto, já disse! E o galco continuava, coitado, a voltar-se porque o vento, cada vez mais violento, não deixava estar sossegado aquele seu aspecto pintado. — Estúpido teimoso que não páras?, bêrra, de novo, na cegueira inconsciente, aquele conhecido elemento e filho da mãe natureza. Então, tive que dizer ao senhor vento estas palavras: — Tu não vês que és tu que o fazes andar, à roda, com essa tua inquietação, com êsse teu reboiço de assoprar levando as folhas, e até partindo as vidraças? Não grites, vai-te deitar, que o pobre do galarito obedece ao que fizeres.



Não se negará que o excesso de produção tende, cada vez mais, a mergulhar alguns alguns artistas

de classe na maré montante de mediocridade.

Aliás, a própria facilidade da técnica em voga nos leva a aceitar tudo quanto de mais extravagante, bizarro e despedaçado aparece.

Por outro lado, sentindo o estímulo do que se faz sem mérito ser aplaudido, os jovens se improvisam em pintores de verdade. Há ainda a considerar-se que a raridade do artista leva a crítica a aceitar os menos aptos, com notoriedade de valia e préstimos. Todos estes conceitos nos ocorrem à relembrança do

que se procedeu, em Paris, há 14 anos, em 1936, precisamente no mês de Maio findo, em 1930.

O pintor Goulinat, e que também era, crítico de arte e de técnica da pintura, encheu-se de coragem, de decidida resolução e resolveu fazer uma coisa imprevista, e quase impossível.

Armou-se de animo claro e persuasivo para re-expor, em uma nova exposição, as obras que haviam figurado no famoso "Salon" de 1737, portanto há 193 anos.

Aquele salão fôra escolhido por ter êle iniciado as exposições regulares do Museu do Louvre, no grande "Salon carré".

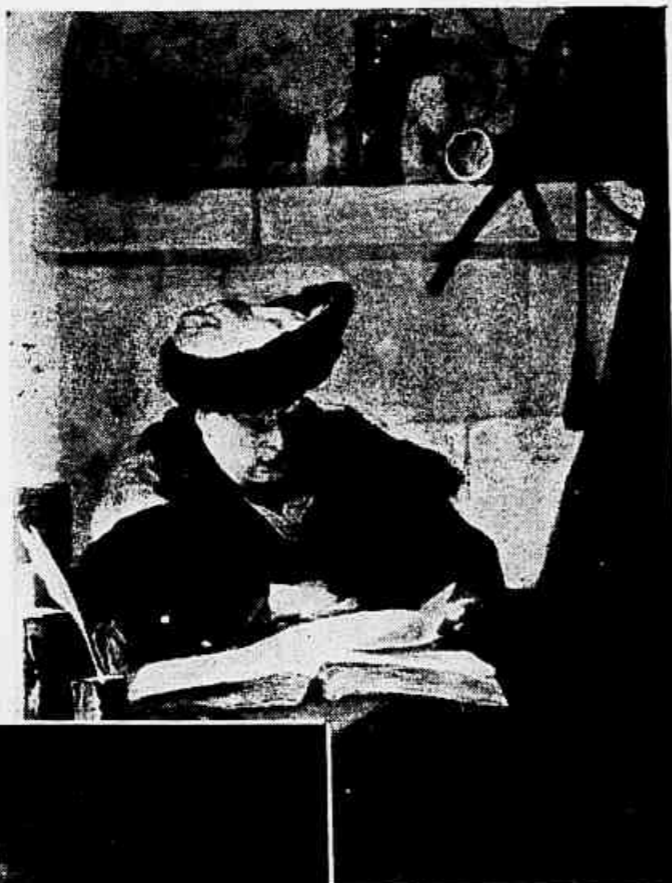


J. F. de Troy — "Desmaio de Ester"

RETROSPECTIVA SINGULAR

O SALÃO DE PARIS (1737)

FLEXA RIBEIRO
PROF. CATEDRÁTICO NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES.



Chardin — "Um químico em seu laboratório".



Louis Tocqué — "Condessa de Lomenie de Brienne"

Todos sabem que essa exposição era 13.^a da série. Acontecia, porém, que somente com aquele salão a periodicidade fôra mantida, como aliás queria Colbert.

Pelas pesquisas de Goulinat se verificou que houvera, naquele salão de 1737, 69 expositores, com 286 obras.

Encontrá-las tôdas seria impossível. Mas Goulinat procurou o melhor e maior número, e conseguiu naquele ano instalar uma sensacional retrospectiva daquele Salão, na exposição da "Societé Nacional des Beaux Arts", no ano de 1930, conforme já referimos.

O êxito dessa imprevista retrospectiva mostrou quadros, até então desconhecidos de Chardin, de Leon Tocqué, J. F. de Troy, Nattier, N. Lancret, François Bouchei, J. de Lajoue, Jean Resbout. Dessas obras algumas eram pouco conhecidas, pois estavam em coleções particulares, e não poderiam ser vistas com facilidade.

O retrato, — "Condessa de Lomenie de Brienne", por exemplo, da coleção Cailleux, obra de Louis Tocqué, abriu alguns dados novos sôtre aquele pesquisador de robustez delicada, de verve sutil e de festivo poder na decoração.

Mas o esboço de "Desmaio de Ester", de J. F. de Troy, pela largueza da composição, movimento das figuras, distribuição das

massas, apresentou-se cheio de revelações para um artista que era melhor conhecido pelas suas obras de porte mais restrito.

Outro que reafirmou suas qualidades de finura, de reviver os segredos delicados com que figurava uma espécie de ansiedade reprimida de seus modelos, e que mais se acentuava nos pormenores do gracioso brejeiro, — foi Lancret, com o retrato de "Sieur de Carnay", da coleção J. Charpentier.

E' claro que naquela retrospectiva singular. La Tour se aprimorava mestre de todos os seus dotes de sensibilidade viva de expressão, de atualidade do modelo, com que figurou, secretário de Luiz XV, — "Duval de l'Épinoy". Tudo nesse retrato é do mais alto grau de sensibilidade da matéria: personagem, roupas, atributos significativos. D'Épinoy acabou de falar: e ouve atento, espera a resposta. O comentário que agora se escreve é para lembrar a vantagem educativa, a valia crítica, expositiva e memorial, que aquela retrospectiva, de 1930, um século depois do Romantismo, veio trazer à cultura francesa.

Talvez que nos fosse de bom aviso que semelhante iniciativa se pudesse realizar na metrópole brasileira.

Seria uma tribuna de arte do passado que traria penetrante poder de comparação à semelhança, aliás do que já se fizera, em 1940, com a exposição de pintura francesa do século XIX e XX.

POSSUE A SUIÇA UM CARNAVAL TODO SEU

Por J. CLAUDE

Há países que sabem comemorar o Carnaval mantendo grandemente o culto ao deus mitológico da alegria e da burla. A Suíça, com toda a sua autoridade, é um deles. Aquele povo de relojoeiros, gente que passa todo o ano no labor paciente, construindo verdadeiras maravilhas da mecânica, nos festejos de Momo sai à rua, alegremente, dando à mais viva e sã alegria.

Principalmente em Lucerna, no país alpino, o carnaval possui características próprias, sendo famoso pela "verve" dos seus habitantes. Os meios de que usam os foliões suíços diferem dos nossos.

Ao passo que o brasileiro, nas ruas, faz um amalgame gigante de massa humana, em Lucerna os grupos de carnavalescos saem à rua caracterizados como convém aos suditos de Momo, porém, sem aquela absorvente sensualidade que se nota em nossas ruas.

O suíço gosta, sobretudo, da fantasia gigantesca e espetacular. Com uma grande dosagem de grotesco, organiza grupos e sai para as ruas, com grandes disfarces, dando preferências à apresentação de figuras de animais.

Atrás do grupo vêm os músicos, pois, em qualquer latitude, não se compreenderia o culto ao deus alegre e burlão sem música, e música bem estridente.

Foi o que sempre se viu nos carnavais de Lucerna.

Este ano, por exemplo, brilhou um enorme "Gato de Botas", avançando aquela personagem da história infantil que vem alegrando inúmeras gerações. Sua fantasia é descomunalmente grande para um homem a pé.

Vestido a caráter, tem, acima dos ombros, uma cabeça gigantesca do felino da lenda, com os enormes olhos fosforescentes. De bigode hirsuto o "Gato de Botas" mira o público, expelindo relâmpagos do seu olhar elétrico, enquanto o folião, de um buraco aberto à altura do pescoço, espia seus conterrâneos, divertindo-os e divertindo-se ao mesmo tempo.

Não preciso dizer que o desfile é alegrado infernalmente pela "furiosa" que fecha a retaguarda do grupo.

A Bela Adormecida . . .



SATIRAS

Todavia, não é somente com figuras de bichos que o suíço organiza seus festejos momísticos. Ele gosta também de satirizar a espécie humana, engendrando enormes cabeças de homens e mulheres, que ficam se equilibrando muito acima da altura dos foliões, em prolongamento do corpo de quem as conduz.

São figuras sorridentes e bizarras, de boca enorme e olhos descomunais, não se precisando dizer que o nariz acompanha o conjunto caricato. Para a cabeleira dos bonecos o suíço não se aperta: enquanto houver capim nos prados, dessa mesma gerania que nutre seu gado nédio, os bonecos não permanecem carecas; e eles são sensacionais de graça e bom humor.

Se os homens são satirizados pelos alegres foliões helvéticos, as mulheres, por sua vez, não são poupadas e nem perdoadas.

Na Basileia, por exemplo, se inventam tradicionalmente novos e renovados disfarces, de inexcedível humorismo, predominando figuras femininas, com todos os dengues próprios do sexo frágil.

De saia rodada, elas aparecem com bordados lembrando motivos carnavalescos, principalmente com a efigie do próprio Momo.

Envergando capuz "três quartos", de bordados delicados, a sátira é perfeita, principalmente com o adorno colocado sobre o cocoruto das fantasias. Quanto à máscara é uma alfinetada à maquiagem feminina.

No entanto, em sua expansão, os foliões não se esquecem de fazer sátiras também aos últimos acontecimentos. E, brincalhões, saem à rua, acompanhando uma gigantesca fantasia de mulher, de olhar languido e sorriso brejeiro, com um bastão de balisa.

Atrás vem uma banda de tambores que se tornou célebre, pois os músicos com máscaras que alegrariam Frankenstein têm, pelos olhos afora, canhões saltando das órbitas. E os "zombies" percorrendo as ruas, despertando a alegria com o pretenso ar funebre que ostentam, sendo verdadeiramente notáveis pelo ritmo que observam rigorosamente, resultado dos longos ensaios a que se submeteram pacientemente, a fim de assim se apresentarem nos festejos momísticos. E eles vão pelas ruas, marchando, despertando gargalhadas pela austeridade que aparentam, mas que, no íntimo, não sentem, pois estão é se divertindo a valer.

GRAÇA E ORIGINALIDADE

Ainda na Basileia houve inúmeras outras fantasias dignas de menção, pela originalidade e graça, no último carnaval, chamando especialmente a atenção um grupo de "moças" de vestidos escandalosamente curtos, com um bigodinho sob o nariz enorme e, para rematar, um laçarote sobre a cabeleira loira, de uns cabelos simplesmente incríveis. E essas fantasias vão pelas ruas tocando flautim, num afinamento notável, pois, contrastando com o ridículo da fantasia, sabem tocar como gente grande.

Na Suíça, como em toda parte, a "furiosa" é quem marca o ritmo do carnaval.



Zurick é outra cidade helvética os habitantes sabem se divertir à larga, nos três dias dedicados a Momo.

Também aí se nota, no transbordamento popular, o gosto pelo exótico e pelo espetacular onde é comum ver-se canavalescos fazendo acrobacias em bicicletas desmontáveis, que se partem em duas, uma das rodas servindo de assento ao folião e a outra prestando-lhe grandes serviços para incríveis acrobacias.

"SHOWS" PÚBLICOS

Em Zurick, é comum ver-se canavalescos aos grupos, dando verdadeiros "shows" em plena rua.

Costumam, por exemplo, esses grupos, levar uma casa, onde dorme placidamente uma senhora, embora em torno dela se faça o máximo de ruídos, com músicos tocando sanfona, tampas de panelas e cornetas.

Com tudo isso, madame, muito corada, continua com os olhos fechados, de longos cílios imóveis, dormindo profundamente.

Fudera, madame, no caso, não é outra coisa senão uma boneca, que é transportada pelas ruas afora, divertindo o grupo e o público que se comprime para apreciar a passagem do bloco.

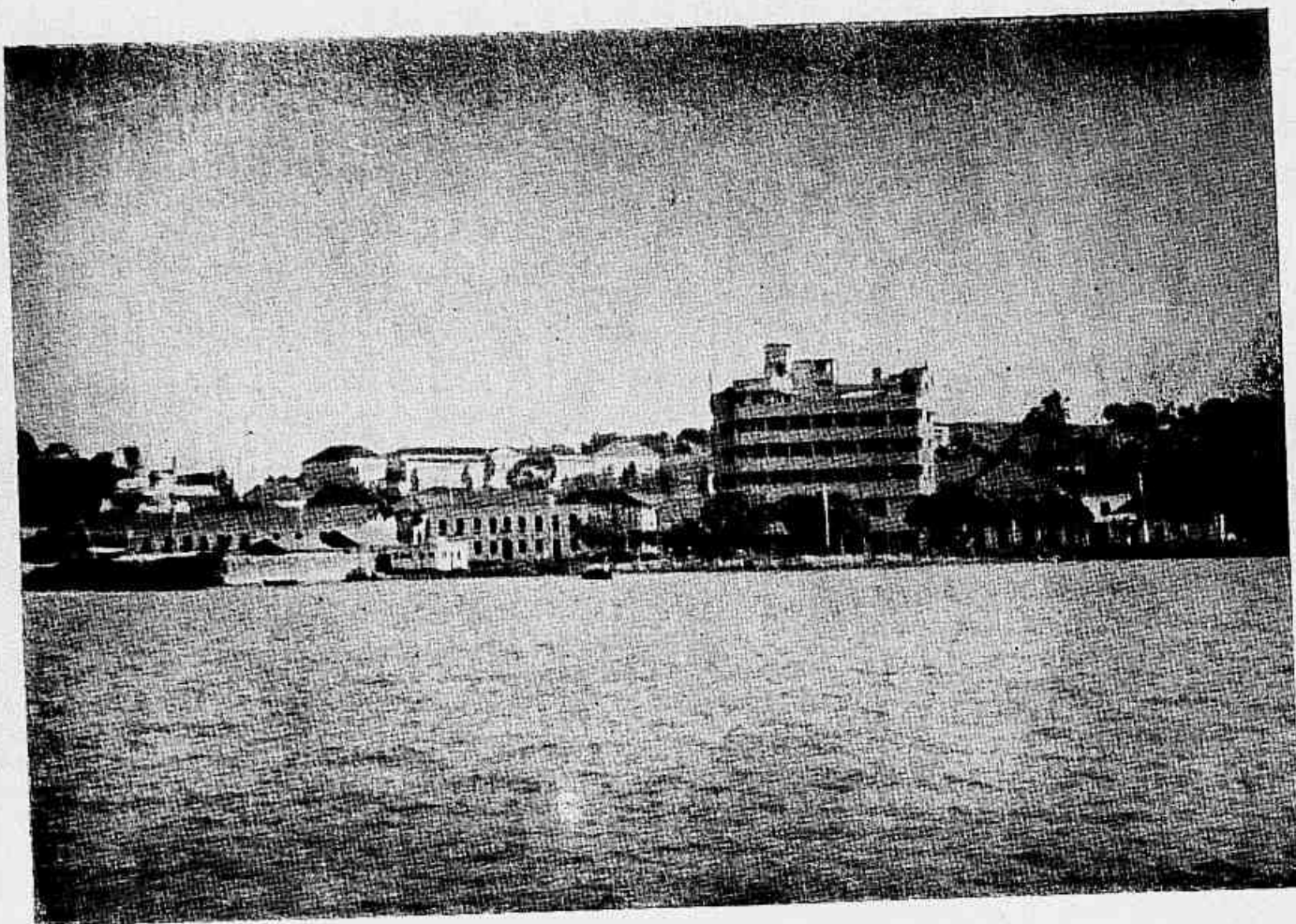


Disfarces originais são vistos no carnaval suíço.

Os suíços têm predileção pelas máscaras.



E assim o laborioso povo suíço, depois de um ano de intenso labor, descarrega seus nervos em um carnaval todo seu, pois que se reveste de características especiais e inconfundíveis, indicando que a alegria momentânea é universal, variando apenas em suas exteriorizações de acordo com o país e com sua latitude. (IPA).



Vista parcial da cidade de Goa.

Os recentes acontecimentos na Índia Portuguesa, e nos quais se descobre sem muito esforço o dedo do comunismo russo, tornam oportuno recordar as atividades colonizadoras de Portugal no Oriente desde o século XIV. Numa época em que os soberanos lusos detinham o primado do poder marítimo e levavam a todos os quadrantes do mundo conhecido, nas suas caravelas, os instrumentos da civilização e a fé em Cristo, as terras da Ásia e da África não passavam de aldeamentos de bárbaros. E esses povos primitivos e fetichistas receberam com alegria a presença daqueles peninsulares que lhes levavam o progresso do Ocidente e lhes abriam o caminho de uma existência feliz.

Mas nem tudo foram flores nessa conquista, porque houve também lutas contra homens e contra a natureza bravia, a defesa contra as ciladas do clima inóspito e das feras. Atos de heroísmo representam essas incursões em que milhares de vidas se sacrificaram para que nos páramos longínquos se fixasse o padrão de domínio lusitano. Depois que Vasco da Gama aportou à Índia, e da ida de S. Francisco Xavier a pregar a palavra de Cristo aos indígenas, Antonio Galvão, capitão e governador das Molucas, conseguiu trazer ao seio da Igreja Católica o povo, os príncipes e os rajás das tribos conquistadas.

Em seguida os missionários da Companhia de Jesus completavam a obra dos soldados, e fundavam colégios e tipografias de onde saíam os livros destinados a manter o espírito cristão. Em Goa se imprimiram também os primeiros versos de Camões, dedicados ao vice-rei da Índia D. Francisco Coutinho, quando da ida do épico àquela possessão no governo de D. Afonso de Noronha.

Goa, Damão, Diu, Malaca, Ormuz, durante séculos atravessam fases de conflitos e os portugueses enfrentam a Holanda e a Dinamarca que lhes pretendem a posse do território.

Em 1782 expõe-se pela primeira vez em Goa, o corpo de São Francisco Xavier que em 1748 havia sido reconhecido como o padroeiro da Índia. Entretanto, apesar das vicissitudes sofridas, Portugal nunca deixou de implantar nas terras à sombra da sua bandeira os trabalhos agrícolas, comércio, a indústria, a cultura, em suma, que refletia a grandeza ocidental.

Entre 1607 e 1608 Portugal conseguiu repelir as forças holandesas que tentavam ocupar a fortaleza inconclusa de Moçambique. Nessa altura as principais fortalezas que arvoravam o pavilhão das Quinas chamavam-se, no Oriente: Diu, Damão, Goa, Elaçaim, Chaul, Onor, Barcerole, Mangalore, Cananor, Cranganor, Columbo, Cochim, Curiate, Calecut, Ormuz, Malaca, Tenate, Tidere; Amboina, Solor, Macau e Timor. O rei de Ceilão, ao morrer, em 1596, nomeou o rei de Portugal seu universal herdeiro. Gerações e gerações de portugueses da metrópole, gerações e gerações de seus descendentes nascidos

A Capela de Candolim: no cenário exótico, um templo cristão cuja arquitetura reflete a fusão de diversas civilizações.



Portugal respeita todas as religiões. A torre do templo hindu não é somente um notável exemplo de arquitetura religiosa, mas é também um símbolo de tolerância e paz verdadeira.

A INDIA PORTUGUESA É OBRA DE PORTUGAL

na Índia, deram o seu sangue, a sua travura, o seu suor no trabalho dos campos, para que as colônias florescessem. A religião e a língua se impuseram nesses domínios.

E' essa uma empresa de muitos séculos que algumas vicissitudes transitórias vencidas desde logo pelo impeto lusitano não chegaram a desfigurar. A bandeira de Portugal-Império continuou e continua a tremular no alto dos mastros nessas regiões que lhe devem o que possuem de progresso e de civilização. Mas uma coisa não pode, também, ser olvidada neste momento: é que ao regime de autoridade e de moralidade vigente em Portugal deve a Nação as novas diretrizes inscritas na sua Constituição para a política colonial. Disse-o o sr. Oliveira Salazar: "A nossa soberania não pode ser discutida em Genebra, como não o pode ser em Paris, Londres, Roma ou Berlim".

Da importância dos termos em que o grande primeiro ministro de Portugal colocou a questão definidora das linhas do Império Colonial diz o que escreveu Pierre Dominique em "La République" de Paris, indicando à pátria os mesmos rumos seguidos por Portugal: "Quando é que a França se aperceberá que é um Império?" indaga Dominique. E prossegue: "Lembro aqui o presidente de conselho Salazar, que constituiu Portugal e suas colônias num só corpo territorial e político.

Escutemo-lo. Proponho este texto aos que dirigem os nossos destinos. Não terá também a França necessidade de um ato Colonial? Peço simplesmente lhe chamem Ato Imperial, nome mais sonoro e mais justo, ao qual pressagio, se quiserem adotar a minha sugestão, a mais vasta repercussão".

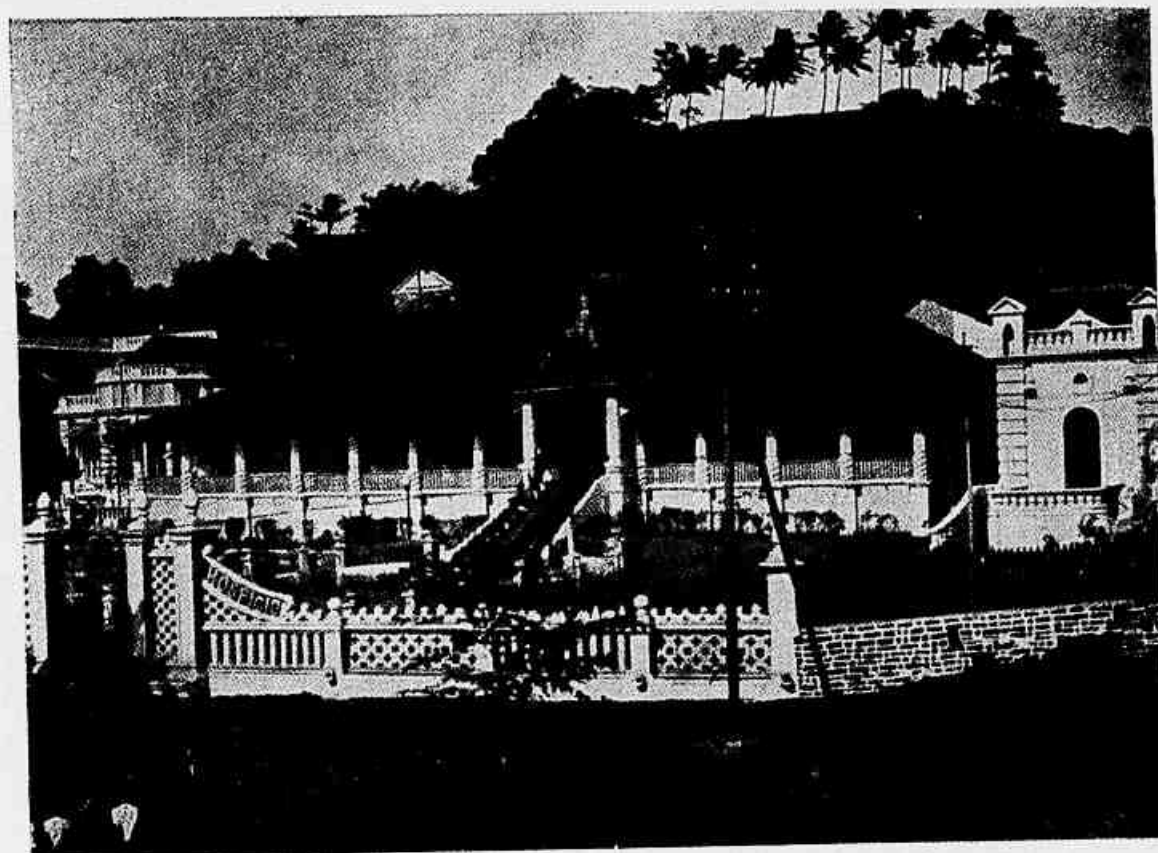
Nessa época Salazar se pronunciava sobre o assunto de maneira clara e nitida: "Para um pequeno País, mas grande Nação colonial, como somos, não seria útil efetivamente que a Sociedade das Nações continuasse a existir e cada vez mais forte. E' indiscutível que as nossas colônias, por serem muito cobiçadas, são constantemente criticadas, caluniadas. Não será Genebra a melhor tribuna para defender nossos direitos, os direitos da nossa soberania?" Assim se perguntava Salazar, e ele respondia que não acreditava nessas cobiças e pregava a intensificação do trabalho nas terras do Império, e deixava claro que se Portugal era um "Estado Imperial" não era um "Estado imperialista".

O atual Estado da Índia é uma das oito unidades administrativas de Portugal colonial. Compreende os territórios de Goa com as

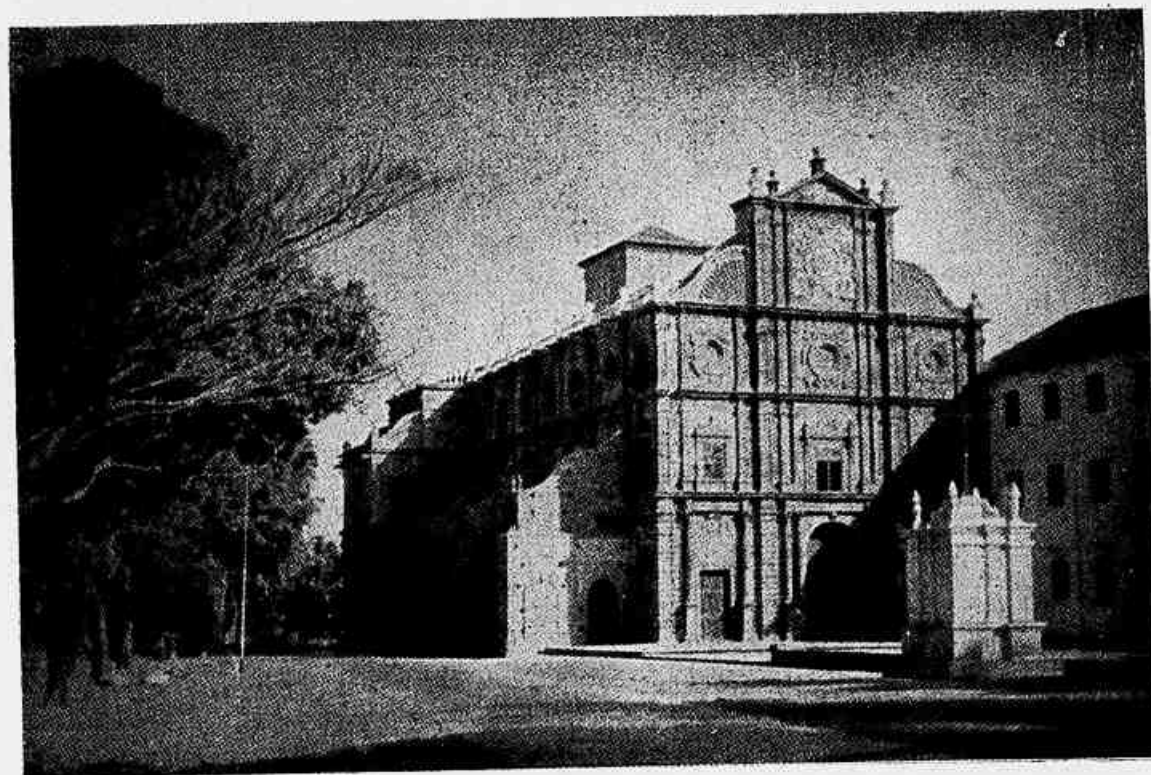
A fumosa catedral de Diu, tesouro arquitetônico de inestimável valor histórico e religioso.



A igreja de Cuntorni



O Hospício do Sagrado Coração de Maria em Marzão.



A basilica de Bom Jesus em Goa

ilhas de Anjediva, S. Jorge e Morcegos, na costa do Malabar; Damão, com os territórios de Dadará e Nagar Aveli, na costa do golfo de Cambaia, e Diu, com os territórios continentais de Gogela e Simber na costa do Guzerate.

De D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da Índia, a D. João de Castro, a tantos outros que passaram pelas Índias, até aos dias presente, o que se observa é que o espírito lusitano se transferiu naquelas gentes remotas e os que lá vivem e labutam nada têm de comum com os hindus.

São cidadãos portugueses, e as suas terras foi Portugal que as povoou e trabalhou, e lhes presta assistência constante, partes integrantes que são da Nação Portuguesa.

As gravuras que ilustram esta rápida resenha histórica, dizem bem alto do que é a obra portuguesa em terras do Estado da Índia.



Ponto do território finlandês, onde se encontra com a Noruega e a Suécia



FINLÂNDIA, PAIS

Situada bem ao norte da Europa, entre a Suécia e a União Soviética, banhada pelo mar Báltico, encontra-se a Finlândia. Ali, há mais de dois mil anos, vive este pequeno, porém, heroico povo, que graças à sua bravura e sob o comando do General Mannerheim, isso em 1918, expulsou as tropas moscovitas, fundando a República Finlandesa. A sua superfície total é de 337.000 quilômetros quadrados, a terça parte fica além do círculo polar. Os seus lagos cobrem uma grande parte do seu território e as suas densas florestas chamadas "o ouro verde" representam a sua principal riqueza.

Aspecto da Lapônia Ocidental.

Sua política social atinge o mais alto nível, e no panorama literário e artístico encontramos nomes de fama mundial, entre outros Frans Eemil Sillanpaa,



O Estádio Olímpico de Helsinki



Professor Artturi Ilmari Virtanen, detentor do prêmio Nobel de 1945, em bioquímica.



Nas montanhas de Muonio



Arquitetura moderna finlandesa

cujas novelas e histórias lhe deram o Prêmio Nobel em 1939. Também nas ciências a Finlândia contribuiu para o progresso humano. As pesquisas bioquímicas do Prof. Artturi J. Virtanen mereceram-lhe o Prêmio Nobel em 1945. Nas artes plásticas, na poesia como na arquitetura moderna este país pode se orgulhar de Edvard Westmach, Gollin Kallele, Wäinö Aaltonen e muitos outros. Na música encontramos Jean Sibelius cujas com-

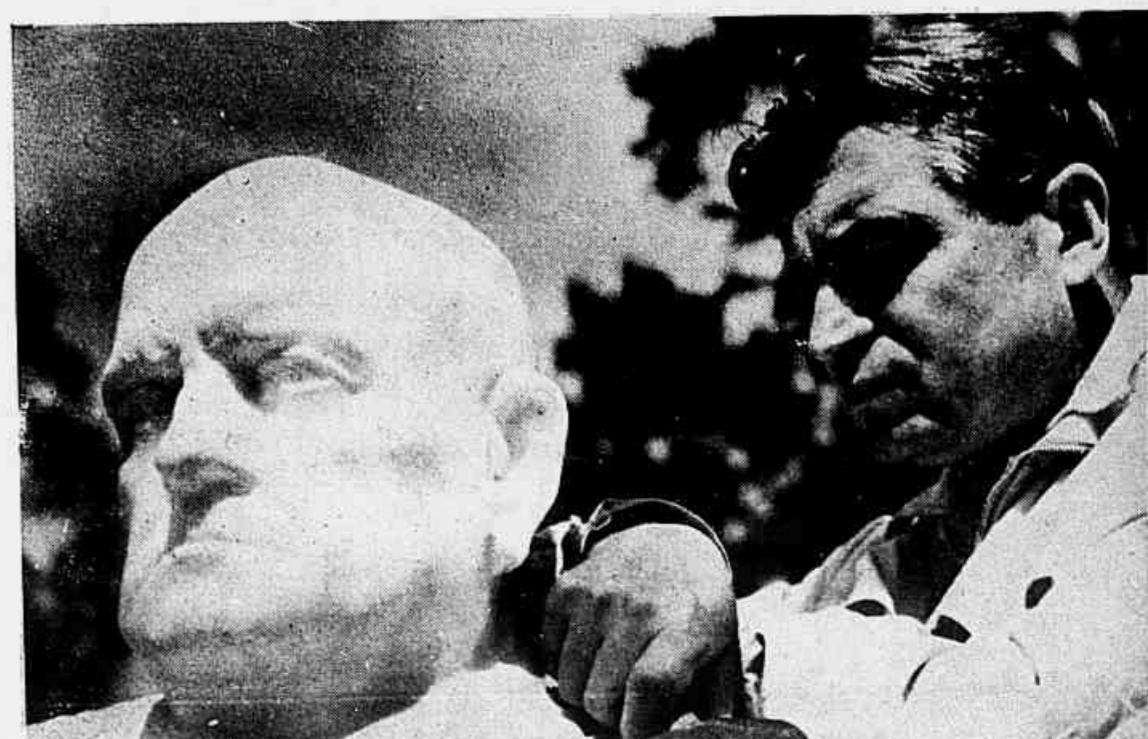


Aspecto de Sirkankylä na Kittilä

DOS 60.000 LAGOS

posições se inspiram no rico folclore e na mitologia da sua pátria, que há mais de mil anos se transmite de gerações a gerações, e que pode ser considerado o maior compositor contemporâneo de sinfonias. A sua formosa capital, Helsinki, chamada a cidade branca, foi fundada no ano de 1550, por ordem de Gustavo Eriksson (rei Gustavo I de Vasa, conselheiro do reino da Suécia e seu primeiro monarca.) No extremo norte onde as suas fronteiras com a Suécia e a Noruega se encontram, está a Lapônia onde vive o pequeno povo dos Lapões, e em cujas águas se pesca o tão cobiçado salmão, o rei dos peixes. Isto é em poucas palavras a Finlândia, onde as florestas sob um céu límpido se estendem a perder de vista e onde vive este feliz, honesto e dinâmico povo. A sua alma mística se inspira nas suas lendas heróicas e na sua natureza nórdica, fonte eterna da beleza e de entusiasmo em cujas páginas o grande Sibelius encontrou sua magistral inspiração.

O escultor Wäo Aeltonen, com o busto de Jean Sibelius, de sua autoria.



Conheceram-se a bordo dum navio francês, de regresso da Europa, ambos brasileiros. Ela, Glória, todo o encanto duma legítima parisiense ou das suas patri-
cias.

Não mais do que uns vinte e quatro, digamos vinte e cinco anos. Era moça, educada, fina, inteligente e bonita. Muito elegante. Não seria uma beleza, dessas de paralisar o trânsito, mas tinha uma simpatia provocadora de amizades.

Sabem o que Glória possuía mesmo? Um encanto sempre diferente e diverso. Conversava com graça, e sabia o segredo de contar uma anedota fazendo-a nova. E sorria, e era um prazer vêr as filas dos seus dentes brancos.

A sua família não era rica, mas remediada tanto que dera para fazer aquela viagem. O seu pai, o comendador João Gonçalves de Souza Ferreira, português de nascimento e brasileiro de coração, morrera há uns três anos. A sua mãe, viuva Josefina Amalia de Souza Ferreira, ainda aos quarenta e oito anos, era uma boa shakespeariana.

O encontro a bordo fôra todo casual. Nunca os dois se tinham visto, no Brasil ou no estrangeiro. Aconteceu que por coincidência, essa não preparada, ficaram visinhos de mesa no grande transatlântico, lado a lado. Seria uns quatorze dias de viagem, de convivência feliz, pensava o moço.

E apresentou-se na primeira refeição.

— Engenheiro Jorge Fernandes Silveira, residente no Rio de Janeiro, arquiteto, solteiro. Pai falecido, mãe vivendo consigo e uma irmã, em Copacabana.

E a Senhora:

— A minha filha Glória, solteira. Há duas coincidências consigo, doutor, sou viuva como a sua mãe, e residente também na zona sul, em Copacabana. O meu nome é Josefina Amalia de Souza Ferreira.

— Encantado...

O pai de Jorge chamava-se Antonio e tinha sido um advogado de renome, e homem mundano.

um advogado de renome, e homem mundano. Diziam até que as mulheres gostavam muito dele, pela sua educação e simpatia, e maneira de tratá-las. Porque a verdade é que uma mulher é sempre diferente de outra mulher, e a gente tem primeiro que estudá-las e entendê-las, para depois conversar. Essas aventuras seriam certas ou apenas uma lenda saborosa?

Não adianta insistir no assunto, pois que o homem já morrera.

E as conversas a bordo são sempre sobre o mar, o céu, o tempo, a lua, e a malícia eterna sobre os passageiros, flirtes ou realidades gostosas.

Glória e Jorge deram-se admiravelmente, e ele seria mais velho do que ela apenas um ano. Era moço, ardoroso, trabalhador e arquiteto moderno, já solidificara o nome. O seu escritório, numa das ruas do Castelo, tinha sempre serviços muitos. Quatro auxiliares.

O moço impressionou-se pela moça, e esta por ele. Entendiam-se bem, digamos maravilhosamente. E havia a lua.

O luar a bordo é feito para o amor. Faz um ambiente gostoso. Na primeira noite, já os dois passeavam juntos no largo convés, e vinte e quatro horas depois comentava-se a bordo aquêlê "namôro escandaloso".

A senhora Josefina, com a sua larga experiência da vida, observava a simpatia dos dois, e conivente fechava os olhos muito grandes. Não que o moço fôsse ousado, impertinente, afôito. Não. Mas compreendia, via, que ambos, jovens e perfeitos, estavam destinados um ao outro.

Duma feita, já existindo uma intimidade de conversa entre ambos, ele disse-lhe:

— Deve ter, Glória, muitos admiradores. Deve mesmo ter um amor.

— Não tenho, não tive nunca amores, nem um só amor, o que seria mais grave. Moça, e não de todo feia, é claro que, como as outras, desperto simpatias. Divirto-me, apenas, sem mais conseqüências.

— E se houvesse alguém que desejasse mais do que uma diversão?!

Estavam no tombadilho. A noite era escura, pontuada de estrelas. As noites ajudam também muito o amor. O céu, o mar ondeante... Oitava noite a bordo. Estrelas muitas, grandes, pequenas, brilhantes, era todo um deslumbramento. E eles ali, sôzinhos, num recanto do vapor.



GLÓRIA

Conto de RAUL DE AZEVEDO

Docemente, Jorge segurou as mãos finas e macias de Glória. As suas mãos bem tratadas eram assim como as de Margarida Lopes de Almeida, a declamadora. E ele falou, comovido:

— Escute, Glória, não quero com você uma aventura, um namôro, um passa-tempo de viagem. Você é uma linda mulher, de estilo, de nobreza de sentimentos. Há uma semana que a observo — e vejo que procurada pelos homens profissionais de conquistas, quase sem defesa dentro dum vapor, é amável, faz-se de desentendida, e se afasta. E tudo, e as nossas palestras, a sua bondade, me perturbaram profundamente. O que você responderia se eu lhe dissesse que estou impressionadíssimo consigo, enfim, que gosto de si e que — por mais incrível que pareça — vejo, sinto, que positivamente é o amor?!

A moça olhou-o profundamente, sorriu, comprimiu ligeiramente as mãos enlaçadas e respondeu:

— Mas, Jorge, eu sinto o mesmo por você! Esta simpatia, e esta preocupação pela sua pessoa nas poucas vezes que não o tenho ao meu lado, esta minha perturbação que nunca senti por homem algum, a idéia fixa de tudo que lhe pertence ou lhe diz respeito, a minha comoção, não serão amor?!

E, aproximando-se mais um do outro, entrelaçaram-se, — um beijo longo, comprido. Ao alto as estrelas luzentes parece que aumentaram o seu brilho.

E conversaram tanto, tanto, na noite alta! O mar, com os ventos, enfurecera-se um pouco. O vapor ondulava, e eles nem percebiam o seu jôgo. Para os dois o mundo todo ficara restrito a ambos.

Fizeram logo projetos, muito juntos, muito unidos, e uma linha não passaria entre aquêles corpos. Jorge tinha um apartamento novo, pronto, na Avenida Atlântica, em frente ao mar. As duas famílias moravam próximas. Tudo seria fácil.

— Mas a sua mãe e a sua irmã?!

— Adoram-me. Tudo que eu faço elas acham bem feito. Você vai gostar de ambas, e estas da minha Glória, que é uma perfeição. E sabe? Você tem tanta coisa parecida com a minha irmã, a altura, uma certa expressão fisionômica, a maneira de pensar, enfim, certos sentimentos.

— Uma coincidência. Ótimo! Então vamos nos dar maravilhosamente.

Ao dia seguinte, no tombadilho, os dois conversaram com a mamãe. Disseram do seu amor, do seu entendimento, do seu desejo de se casarem.

— Vocês não me surpreendem. Compreendi bem que essa aproximação de bordo seria uma longa vida em terra. O que nunca julguei é que fôsse esse amor tão rápido e tão fulminante. Que Deus abençoe aos dois!

Glória e Jorge beijaram a mamãe. Nas conversas dos três eles nunca tiveram ensejo de se referir às suas famílias. E a senhora Josefina interrogou:

— A sua mãe e irmã estarão de acôrdo?

— Sim, com prazer. A minha mãe tem me pedido para eu casar, que essa vida de solteiro no Rio de Janeiro ela diz que é muito complicada. Assim, tudo irá bem. Acontece que tenho um bom apartamento próximo a sua casa. Vamos mobiliá-lo, ao gosto de Glória. Um mês para o enxoval e proclamamos. Tudo pronto, minha amiga.

Sorriram. A notícia do noivado correu célere a bordo. Parabéns! Parabéns! E o velho comandante, repitamos a imagem tradicional, o "velho lobo do mar", ficou imensamente contente, e na véspera da chegada a cidade fascinante ofereceu um baile aos noivos. Como eles dançaram, como se divertiram, como se beijaram!

Já em terra, começaram as apresentações. Jorge, mesmo ali no cáis turbilhante, contou todo o seu amor a sua mãe e irmã. A senhora ficou radiante, assim como a filha, e ambas encantadas com aquela simpatia de mulher. E disseram:

— Mas que bela moça!

Sorriram todos, assim como os amigos que chegavam. Era um contentamento. As três candidatas a Jorge, que ali estavam, mal disfarçavam o seu despeito.

Jorge e Glória amavam-se, de verdade. A volúpia, a ânsia da posse boiava nos seus olhos. Era o desejo ardente de duas almas e dois corpos jovens que clamavam para se unirem, se enlaçarem, epiderme com epiderme!

Casavam-se um mês depois, numa alegria louca, ali naquela igreja simples e simpática de Copacabana. Uma festa em tudo. Flores, música, cantos. As damas de honor eram doze, tôdas bonitas e faceiras — inclusive as três que almejavam Jorge. E o comentário foi geral:

— Que linda moça, que belo casal!

Jorge era guapo, apumado, elegante, tinha como tôda a gente — menos nós — o seu Cadillac, último modelo. Ela, a Glória, era uma glória de mulher!

E foram felizes, felicíssimos. A casa era todo um encanto. Móveis apropriados, modernos, claros. Telas, estatuetas, livros, rádio, discos clássicos, televisão, piano. Um ambiente.

Amavam-se, tinham os mesmos gostos, idênticos desejos até os de paladar. Nasceram um para o outro — diziam as sogras, e todos os mais amigos.

Ora, numa certa noite choveu muito, tanto, que até no dia seguinte os lares do Rio de Janeiro tiveram água. Foi um acontecimento, e os jornais do dia seguinte registraram o fato e elogiaram a Natureza compreensiva. Os dois, aconchegados, estavam colados um ao outro, no divã largo e fôfo. Conversavam, riam, beijavam-se. A luz esbatida, meia azulada do abat-jour transparente, o silêncio, o conforto, convidavam ao amor.

Eles tinham já quatro meses de casados, e dia a dia, ou melhor noite a noite, se amavam mais. Era todo um belo sonho acordado.

Glória riu e perguntou ao marido, dentro do desalinho absoluto da sua pouca sêda que deixava ver o seu corpo de estátua que palpitava:

— E se você contasse o seu segredo, a sua maior aventura? Eu não me zangaria, porque é o passado, meu bem.

Ele apertou-a mais nos seus braços fortes, e disse-lhe sorrindo:

(Continuana pág. 42)



UM TRECHO DE PETRÓPOLIS

Tela de Carlos Oswald



FRANCISCO DE CASTRO

-- O DIVINO MESTRE

AMÉRICO PALHA

Francisco de Castro — grande médico, eminente professor, poeta e escritor — foi uma das mais brilhantes expressões da cultura e da inteligência brasileiras. Dele disse Rui Barbosa: “Tenho encontrado entre os nossos naturais, aliás raramente, artistas e sábios. Mas, nêle se me deparou, entre brasileiros, o primeiro exemplo, o único até hoje, a meu parecer, de um sábio num artista. Na exploração da verdade ou do belo, era a mesma excelência, a mesma primazia, a mesma facilidade elegante de quem se acha no seu, e na consciência dêle se move no seu ambiente nativo”.

Nasceu Francisco de Castro, na Bahia, a 17 de setembro de 1857. Formou-se em medicina pela Faculdade daquele Estado, defendendo a tese “Correlação das Funções”.

Vindo, depois, para o Rio de Janeiro, aí se dedicou à clínica e às letras. Mas, Francisco de Castro não foi somente o médico de consultório, dedicado ao bem alheio, curando o doente, desenvolvendo heroicamente a eterna luta da vida contra a morte. Foi o homem de ciência, o estudioso e o sábio.

Fazendo-se professor, êle lecionou a cadeira de Clínica Propedêutica da Faculdade do Rio de Janeiro. A mocidade tinha por êle verdadeira idolatria, conquistada, tão somente, pela sabedoria e pela bondade. “Foi no reger dessa cadeira — observa seu filho Aloysio de Castro — que se consolidou a boa fama de Francisco de Castro. Aí, à cabeceira dos doentes, encarava de frente as mais escabrosas questões: caia-lhes no âmago, não somente em especulações teóricas, na esfera filosófica do doutrinário médico, como, sinão, ainda no campo concreto da prática, na apreciação dos tipos morbidos que o acaso lhe punha diante dos olhos penetrantes, longamente experimentados nos segredos da clínica. Por vezes, o lente da clínica cedia lugar ao da filosofia. Então, aberto um largo parêntese no assunto, profligava, em lances da mais alta ironia, essa terminologia sesquipedal que faz morrer de rir e que deturpa, a seu talento, o nosso pobre vocabulário científico”.

Francisco de Castro teve pela sua carreira de médico o divino fanatismo dos eleitos. Foi um sacerdote do Bem, sem esperar recompensa. Conta Aloysio de Castro que, indo certa vez, em companhia do seu ilustre pai, pela rua do Ouvidor, encontraram-se com um cavalheiro que os saudou, aproveitando a oportunidade para tecer os maiores elogios ao clima de Minas Gerais. Depois, Francisco de Castro explicava: “Viste que, curado, êle só teve louvores para o clima e ne-

nhuma palavra de agradecimento para o médico, que lhe diagnosticou a doença e o obrigou a partir e lhe deu a norma exata do tratamento. A gratidão é sentimento superior e não está ao alcance de todos. Não a devemos esperar, pois, sempre que semeados o Bem. Saibamos desculpar os que nos faltam com ela. Alegra-me ver o homem curado e é só o que eu queria”.

Esse cavalheiro era um dos seus clientes. As palavras do mestre insigne demonstram a sua formação que deveria ser a de todos os médicos. A única recompensa para êle era a certeza de que os seus doentes haviam ficado bons.

* * *

Francisco de Castro foi diretor da Repartição Sanitária e diretor, em 1901, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Era membro da Academia Nacional de Medicina. A propósito do seu cargo de diretor da Repartição Sanitária Federal, vale a pena recordar alguns trechos do seu discurso dirigido aos estudantes, o qual, além de ser uma prova do seu fino estilo, é também uma demonstração da sua dignidade funcional:

“Muitas vezes, senhores, refugiado nas minhas cogitações, pergunto a mim mesmo porque se há de condensar derredor de mim o rebojo de um temporal que vem raivando de longe e ainda não se calou. Agora, vejo que tudo se resume no fato de conservar-me como diretor do Instituto Sanitário Federal. Tenho servido êste cargo com tanto sacrifício quanto lealdade. E para manter-me nele nunca me hão de ver apajeando o saco verde dos ministros, nem engrossando nas escadas das Secretarias a farândula dos aderentes, o prestígio dos lacaios. Este ano, desencadeou-se a borrasca numa das casas de Parlamento, por ocasião de discutir-se o Orçamento do Ministério do Interior. Aí, a impotência do ofídio, cansado de segregar, durante quase dois anos, a sua peçonha, de baixo da terra, empinou-se, desta vez, em botes desesperados. O exame dos serviços adstritos à minha repartição era ponto secundário; o principal era descompor-me taxando-me de “intrigante vulgar” e homem sem caráter. Até hoje, nunca me desfecharam tamanho insulto. Tocado na minha honra, acudi logo por ela, exigindo as provas abonatórias do juízo do meu detrator. Quais foram elas, sabeis como deixei pulverizadas essas insinuações caluniosas. Mais tarde, quando se ia votar uma emenda supressiva do Instituto Sanitário, o mesmo indivíduo espalhou na Câmara dos Deputados um boletim, onde, reeditando o estribilho da sua maledicência, articulava mais que eu era primo de dois deputados de grande influência política e que um destes defendia a causa da Repartição, porque tinha um genro funcionário dela. Ora bem. A respeito dessa garabulha de primos e genros, os dois ilustres deputados incontinentemente demonstraram que era tudo um tecido de mentiras das mais desprezadas. Levantou-se, então, e cabisbaixo, o autor do mexerico parlamentar e confessou que tinha sido mal informado. Rancoroso fosse eu e estaria sobrecheia a medida de minha vingança. Para servir os interesses da Nação, como seu representante,

é preciso, antes de tudo; praticar a virtude e amar a verdade. O caso que refiro é do número dos que merecem lugar conspicuo na clinica histórica para ilustrar a sintomatologia dos colapsos de consciência, da gangrena do caráter. Eu, pelo menos, espero que, ao chegar à velhice, nunca hei de apresentar aos olhos inquisidores dos meus filhos, no registro da minha biografia, as laudas amarrotadas por uma vergonha pública.”

O trecho que se lê acima poderia — êle só — constituir o perfil de Francisco de Castro, para definir-lhe o aço do caráter e a rigidez da sua formação moral. Morto aos quarenta e quatro anos, Francisco de Castro pôde deixar aos filhos e à pátria um nome limpo.

* * *

Escritor e poeta, Francisco de Castro estreou aos 24 anos com um livro de versos “Harmonias errantes”. Prefaciou êste livro Machado de Assis, em carta dirigida ao autor e da qual citamos este período:

“Há nos seus versos uma espontaneidade de bom agouro, uma natural simpleza, que a arte guiará melhor e a ação do temperamento aperfeiçoará. Alguns pedirão à sua poesia maior originalidade; também eu lhe peço. Este seu primeiro livro não pode ainda dar os traços da sua fisionomia poética”. Esta carta de Machado de Assis é datada de 4 de Agosto de 1876. Mais, tarde o grande mestre teria de se orgulhar daquele rapaz de 21 anos que lhe pedia o amparo do seu prestígio para afrontar o público.

Escritor, Francisco de Castro obedeceu, rigorosamente, a tôdas as regras do bom estilo. Sua linguagem — diz Rui Barbosa — derivava da mais cristalina veia portuguesa. Passando-lhe pela bôca ou pela pena, rejuvenescia, muitas vezes, o dizer antigo; sem descair do seu sabor, da sua energia, ou da sua vernaculidade. Com a mesma competência frequentava as regiões mais estranhas da literatura e as mais altas asperezas da filologia”. Esse elogio feito pelo maior dos nossos mestres vale muito bem como uma consagração definitiva que a história há de registrar.

Francisco de Castro foi um homem que nunca perdeu a fé. Na ciência que o tinha como um dos seus expoentes; na arte que o possuía, como requintado semeador de belezas, na dignidade humana que tantas vezes defendeu, no exprimir as suas ideias; na religião que nunca abandonou, “mau grado as impiedades da natureza”; na formação moral da mocidade que êle educou e que o chamou de “divino mestre”; na fortaleza e no poder criador da pátria brasileira que êle amou e honrou.

Francisco de Castro era membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu a 11 de Outubro de 1901. Depois da sua morte foram publicados os seus discursos, com um admirável prefácio de Rui Barbosa. A sua falta foi sentida. Mestres e discípulos o choraram. O “divino mestre” mereceu, sem dúvida, a consagração que lhe foi feita e tôdas as homenagens da posteridade.

SURGIU NO APÓS GUERRA O "BALLET" DO CANADÁ

O "ballet", antes da última guerra, era um gênero artístico pouco divulgado no Canadá. No entanto, hoje, esse é um dos ramos teatrais que mais impressionam e apaixonam o povo daquele país. Os soldados canadenses, que no tempo da guerra permaneceram na Inglaterra por largo tempo, durante o período preparatório da invasão da Europa, divertiram-se a valer com os elencos teatrais e espetáculos musicais, especialmente com o "ballet", que de véras os empolgou. Voltando para suas plagas, os jovens canadenses sonhavam com os bailados maravilhosos a que assistiram, com a fantasmagoria daqueles contos de fadas que tinham visto desenrolar ante seus olhos atônitos, com a fantasia colorida daquelas horas em que homens e mulheres, com movimentos harmônicos, os encantaram, contagiando-os com o entusiasmo que os animava. E o famoso Saddler Wells, então à frente de um dos mais homogêneos grupos de "ballet", excursionando pelos Estados Unidos, foi convidado a visitar o país vizinho, exibindo os valores artísticos de que era o gulo e o chefe. E o interesse cresceu no Canadá, formando-se várias companhias próprias de bailados clássicos, além de inúmeras escolas que se fundaram para disseminar o seu ensino. Como no Canadá o entusiasmo desse povo não arrefece facilmente, o progresso do "ballet" no país tomou grandes proporções. Atualmente, mais de 21.000 pessoas frequentam suas escolas de dança e não há teatro que não possua, com orgulho, ele-



Uma cena de "ballet" apresentada pelos novos artistas canadenses.

mentos de bailado clássico de elevado nível artístico. O entusiasmo foi tão grande que já se chegou a organizar, aliás pela primeira vez, um Festival Nacional de Bailados, popularizando e consolidando a preciosa arte na cultura artística nacional. Afora as companhias de profissionais, há, nos centros industriais, nas fábricas, nos núcleos urbanos do interior, grupos de amadores dessa nobre arte.

O PRIMEIRO GRUPO

O primeiro grupo de profissionais formado no Canadá foi o da cidade de Winnipeg, dando espetáculos na própria localidade de origem e visitando os maiores centros urbanos, tendo compromissos já firmados para mais de um ano de antecedência. O segundo elenco profissional foi formado em Toronto, havendo-os também em Montreal e em outras localidades. Atraídos pelo entusiasmo manifestado no grande país da América do Norte, para ali se dirigiram especialistas franceses e ingleses, passando a ensinar, a ensaiar e a dirigir "ballets". Em 1952, foi criada a Companhia Nacional de Baile do Canadá, obtendo grandes triunfos em diversos lugares do país e atraindo numerosos dançarinos de ambos os sexos, tendo fundado sua própria escola de dança. O V Festival Nacional do "Ballet", do Canadá, foi realizado em 1953, cujo sucesso comprovou que a arte da dança é a mais popular do país. Compareceram quinze conjuntos, todos eles apresentando grandes espetáculos, não sendo fácil a decisão do júri.

Nesse ano, pela primeira vez, uma companhia canadense de bailado decidiu visitar os Estados Unidos, podendo vangloriar-se dos resultados obtidos, fazendo uma verdadeira surpresa aos críticos e aos povos americanos, com os magistrados espetáculos apresentados, em que transparece o valor dos diretores, encenadores, artistas, decoradores e cenaristas, pois toda a apresentação esteve impecável.

O TEATRO

Porém, não foi somente no "ballet" que o teatro canadense brilhou em 1953. Também em outros gêneros foi notado o seu progresso, o que se não observava antes. Sendo o Canadá um enorme país, porém relativamente com poucas cidades grandes, há uma sensível falta de elencos teatrais, pois os artistas profissionais existentes não dispõem de tempo material para visitar todas as cidades em bases comerciais que compensem as longas viagens.

Sendo escassas as cidades, estas se distanciam uma das outras, havendo ainda inúmeros centros menores. Para servi-los, necessitariam de três ou quatro vezes mais companhias teatrais do que as que possuem.

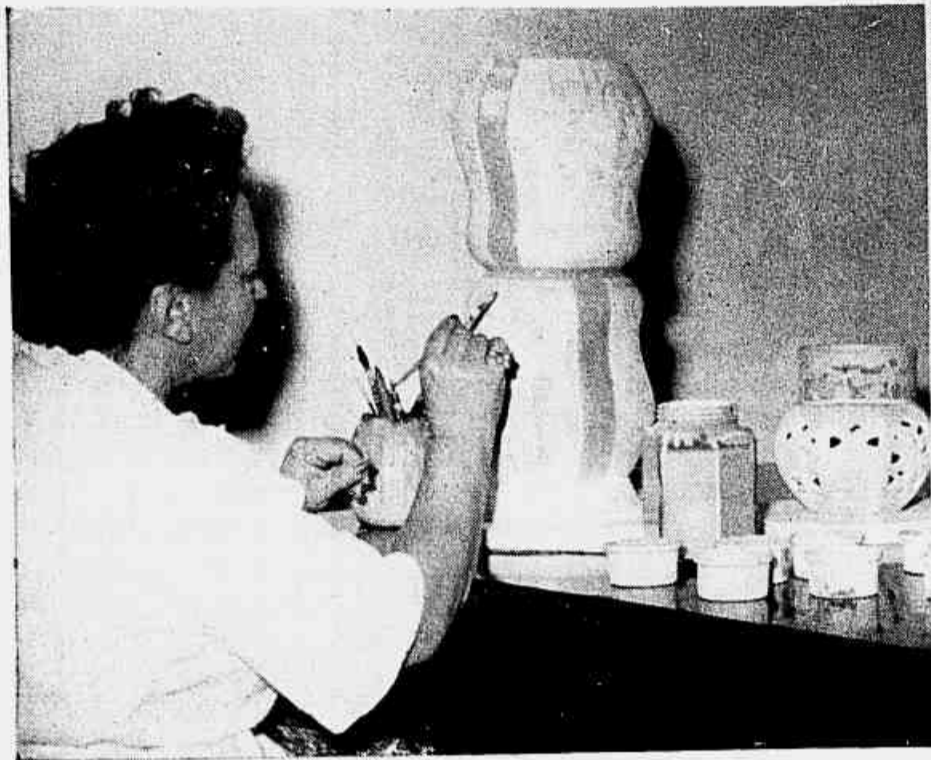
Contudo, havendo grande interesse pela arte teatral, desenvolveu-se intensamente o amadorismo, surgindo gremios organizados com grande proficiência e em bases culturais. Centenas de pequenas comunas foram servidas por uma rede desses elencos, que cresceram rapidamente devido à grande aceitação que tiveram seus espetáculos. E surgiu a idéia de fazê-los desfilar, em competição, na forma de um Festival do Teatro Dramático, organizado anualmente em cidades diferentes. O Festival, em sete dias, dá a oportunidade aos melhores elencos de amadores, numa esplêndida competição, que entusiasmo e emociona o país de costa a costa. Notou-se também o desenvolvimento do teatro profissional, surgindo elencos e companhias, que percorrem todo o país, no período do verão. Assim, as obras primas de Shakespeare foram apresentadas mesmo em cidades menos povoadas, com a participação de artistas britânicos, que se admiraram do progresso dos seus colegas canadenses. A maior companhia teatral do Canadá é a "Canadian Repertory Theatre", de Ottawa, que sempre representa com casa repleta, apresentando não somente

(Continua no fim do número)

ava von Iensey, primeira bailarina do "ballet" do Canadá.



Artes, E ARTISTAS



Cibeles Pinheiro Ribeiro, na decoração de uma peça para o Salão Nacional.

Quando, em 1892, Rafael Bordalo Pinheiro, grande desenhista português que estivera no Brasil durante o Império, fundava em Caldas da Rainha uma importante fabrica de faianças, Ramalho Ortigão escrevia sobre a sua obra artistica de ceramica: "E' toda uma narrativa iconografica, como a que Homero debuchou no escudo de Aquiles. Ao longo dessas diferentes peças de faiança passa um largo trecho da história popular da nossa terra, das nossas conquistas e descobrimentos, das nossas tra-

dições, das nossas crenças, dos nossos usos. E' um capitulo de folclore português". O desenhista, o ilustrador, que ele era, passou a aplicar à louça, sob a forma de cenas e episodios tipicos, o fruto das suas observações no meio do povo lusitano. E surgiram então



NA TENDA DE TRABALHO DE UMA CERAMISTA



neste registro é a sua atuação como ceramista que tanto modela, o barro com emoção e segurança técnica, como tira das peças que trabalha com carinho os melhores efeitos decorativos. Preocupam-na os temas brasileiros, em jarras sugestivas, de linhas elegantes e originais, adornadas de aspectos regionais e pitorescos, como aquela "Feira na Bahia" que lhe valeu a medalha de prata no Salão Nacional de Belas Artes. Em pratos, vasos, figuras e objetos menores, vemo-la sempre atenta aos assuntos desta arte com um profundo sentido de beleza. Agora Cibeles tem em elaboração novas peças, entre elas algumas que fixam quadros do nosso carnaval, na sua vivacidade de cores e de movimentos de multidão. E' uma artista que se afirma vigorosamente e faz da arte a preocupação absorvente de seu espirito, discreta e esquiva aos acenos illusórios da popularidade. O seu lema é o de Leonardo Da Vinci: estudar sempre para fazer sempre melhor.

Exposição Moema Granja Machado Vieira

Despertou o mais vivo interesse a exposição da consagrada pintora Moema Granja Machado Vieira, realizada na primeira quinzena de Julho no Museu Nacional de Belas Artes. Entre as cinquenta e três telas expostas, destacamos "Suite en blanc", premiada com Menção Honrosa no Salão Municipal do ano passado e que aqui reproduzimos.



O SÉTIMO ANIVERSÁRIO DA S. A. N. — *Flagrante colhido na Sociedade de Artistas Nacionais, quando era comemorado o sétimo aniversário de fundação da prestigiosa instituição, vendo-se à direita a presidente da S. A. N., pintora Odete Barcelos.*

EXPOSIÇÃO DE ARTE E ARTESANATO DA INDIA

Inaugurou-se há dias no edifício Mesbla a exposição de arte e artesanato da Índia, promovida pela embaixada daquele país nesta Capital. Presidiu à solenidade a Senhora Darcy Vargas que aqui vemos ladeada pelo Embaixador da Índia, Sua Alteza Raja de Mandi.



JOVEM PINTOR PAULISTA EXPÕE NO RIO



Desenhista de traços rápidos e seguros, e pintor de aguda sensibilidade é como se nos apresenta o jovem artista bandeirante Francisco Carlos Paulo Cuoco com a sua exposição no Museu Nacional de Belas Artes. Trata-se, evidentemente, de um talento moço com perspectivas aos grandes vãos da arte pictórica em nosso meio. Nos clichês ao lado focalizamos dois trabalhos de Francisco Carlos Paulo Cuoco, entre os quais o auto retrato.

A VINGANÇA

CONTO DE
JORGE AZEVEDO
ILUSTRAÇÃO DE GOULART

A noite precedida de crepúsculo plúmbio caíra sobre o sertão adusto. Acre cheiro de queimada saturava o ar rarefeito, incomodando o olfato, e o céu de azeviche, profundo, como se fora pintado a piche, era abismo tenebroso, virado de boca para baixo sobre o mundo. E de vez em quando, rajadas violentas movimentavam as franças das árvores num sibilo lamentoso, ou o corisco de pirlampos tontos desenhava, no painel negro da noite, arabescos impressionistas. A fazenda do "coronel" Zacarias, àquela hora sossegada, era um grito de luz fulgurante no lúgubre silêncio das trevas. Dentro do vetusto casarão iluminado, com as janelas e portais enfeitados de fitas multicôres, havia um reboliço febricitante, risos femininos misturados com gargalhadas escandalosas de alegria selvagem.

Os criados, pressurosos, apertados nas roupas domingueiras, iam e vinham numa azáfama barulhenta, servindo os comensais glutões que, em redor da enorme mesa de mogno lavrado, palravam numa alegria infernal, gesticulando, a pedir a bojuda terrina do ensopado, ainda fervente, as travessas gigantes em que jaziam, rígidos, os cevados sorridentes ou as empadas e os pastéis corados e apetitosos.

O "coronel" Zacarias, encasacado, cravo rubro na lapela lustrosa, o charutão fumegando entre os dedos faiscantes de anéis de variadas côres, distribuía sorrisos estimulantes em troca das zumbaias dos convidados vorazes; e, fazendo reboar a voz estrondante pelo corredor afora, apressava os preparativos para o baile no amplo salão da frente, todo ornamentado pelas clássicas folhas de pindoba, dispostas em alegre profusão nos cantos, nos umbrais das portas e das janelas encortinadas e através de todo o comprido corredor. Sua filha mais nova, a Dorinha, que era a aniversariante, ajudava os criados naquela faina divertida: ajeitava as fitas entrelaçadas nos travessões do teto, dispunha as cadeiras nos ângulos da sala para que não estorvassem as danças, e corria, apressada, de uma sala para outra, à procura de objetos decorativos que dessem mais encanto ao salão, despedindo olhares de fingidas promessas aos mancebos que, já fartos de tanto comer e beber, palestravam na varanda sobre a safra miserável do ano.

Após o lauto jantar, regado a vinho, os convidados foram aparecendo, pouco a pouco, no salão, onde agora os músicos, meios bêbedos, zangarriavam as violas chorosas, os cavaquinhos barulhentos, e esticavam ao fogo os pandeiros repinicanos, na demorada afinação para a primeira dança. O "coronel" Zacarias, sorridente, contava aos amigos, atentos, num dos ângulos do salão, anedotas picarescas, sendo, às vezes, interrompido por gargalhadas desopilantes, enquanto a filha, Dorinha, cercada por uma coorte de admiradores esperançosos, sorrindo e acolhendo a todos com aparente alegria, era alvo de amáveis galanteios. De vez em quando, porém, seus olhos buliçosos procuravam, ansiosos, a entrada, onde se aglomeravam alguns convidados em palestras amistosas, e então indissimulável tristeza a invadia tôda, cortando, por segundos, o fio da conversação: ficava silenciosa, espectante...

Quando o "chôro" atacou a primeira valsa, ela, ágil, esquivou-se dos olhares pedintes; e, sem que fôsse pressentida pelo pai, esgueirou-se pelo corredor em direção à cozinha, onde a faina da lavagem das louças era intensa. Junto ao fogão crepitante, sentada num tamborete, uma velha negra, alheia às conversas e ao ruído das lavadoras, chupava pachorrentamente um cachimbo enquanto peneirava, com as mãos engelhadas, o fubá fino para os bolos, resmungando palavras ininteligíveis. Ao divisá-la, Dorinha correu a ela, lacrimosa, ante o espanto da criadagem.

— Mãe Joaquina! João não voltou...

Nas paredes caídas de fresco da cozinha, as labaredas do fogão pintavam sombras fantásticas e, sob o fumeiro, nas pedras rescaldantes, um gato luzidio, todo enrodilhado, ronronava. A negra macróbia, de braços estendidos, esperou-a e aconchegou-a, carinhosamente, deixando cair dos olhos sem fulgor as lágrimas sobre as faces rugosas.

— Num véio, nem vem mais, minha fia... nem vem mais! João é homem de brio... Era, pôde-se dizê, quase meu fio, e eu cunheço muito bem êle, u qui êle é... O qui o "coroné" fez, êle num perdôa... Então ocê pensa, minha fia, qui apanhá di chicote na cara num ofende?! Ofende, ofende... Chorando, quase soluçando, Dorinha aconchegava-se cada vez mais no farto regaço da velha, acariciando-lhe as faces úmidas e os ralos cabelos escorridos, prêsos por uma flanela de côres berrantes.

— Mas êle volta, não volta, mãe Joaquina? Ah! mãe Joaquina, faz êle voltar... faz o meu João voltar... Papai gosta dêle, diz que êle é o melhor vaqueiro da fazenda; e foi apenas uma cólera violenta que o fez chicotear o João. E, além disso, mãe Joaquina, sempre papai me diz sempre, sempre que o João é o seu empregado mais fiel...

A velha, sensibilizada às chorosas afirmações, interrompeu: — Tômbem a mim, minha fia, êle diz isso. Fié o João é, ah! isso é. Por duas vês salvô o "coroné" de morte certa. Ocê se alembra? Da primeira vês foi naquela arruaça do arraíá, arrebetano as fuça do Anastácio qui vinha espumano di revólve e mpunho prá riba do "coroné"... O João escorô êle no peito, meteu u juêio nêle e pegou êle no barco da venda. E ainda a bala passou raspano o chapéu do "coroné"... Da outra vez foi naquele estouro dos boi, na Vorta Fria. Entrô no meio da boiada danada, e arrancô o "coroné" desfalecido... Ah! fié o João é... E o pago que o "coroné" deu?

— Não fala, mãe Joaquina...

A velha agora chorava, com o rosto oculto nas mãos trêmulas. Do salão barulhento chegavam os repinicanos dos pandeiros e os zangarrieros dolentes da viola em meio ao monótono arrastar dos pés nos volteios da dança.

Através da janela aberta da cozinha, vislumbravam-se os vagalumes pondo traços luminosos no negrume da noite que já ia alta, sem a menor estrêla cravada no firmamento opaco... Um bafo quente entrava na cozinha, onde agora o ruído do entrechoque das louças, na lavagem, ressoava.

Súbito, a voz rouquejante do "coronel" estrugiu pelo amplo corredor, chamando a filha. Dorinha, contrafeita, enxugou as faces molhadas, abraçou a velha Joaquina e, simulando uma alegria que não possuía, correu ao encontro do pai surpreço àquela inexplicável ausência.

— Pronto, papai! Estava ajudando mãe Joaquina...

O "coronel" pareceu aceitar a justificação, puxando-a para o centro da sala. E disse, todo carinhoso, alisando-lhe as madeixas que lhe emolduravam o rostinho mimoso:

— Dorinha, eu te chamei para dançares com o Custódio...

Ao ouvir o seu nome, o capataz apresentou-se logo, rente ao "coronel", que o acolheu com um sorriso de vitória. Era baixote, truncado e feio, com um sorriso alvar nos lábios grossos encimados por bigode repelente. Dorinha, pálida, conteve a recusa, que ia explodir num gesto de fingida indisposição, e aceitou o convite. E, enlaçada àquele homem a quem odiava, ela, para não desagradar ao pai ignorante, teve que dançar repetidas vês, e também fingir, para todos, uma satisfação contra a qual o seu coração apaixonado protestava.

* * *

Dentro do casarão da fazenda, era a pletora da luz. La fora, era a contrastante pletora das trevas. Os vagalumes relampejavam em incertas trajetórias, e os grilos, em côro, musicavam a quietude fantas-



mal, onde insignificante estalido de galhos secos era rumor de lúgubre repercussão. Súbito, emergindo de alta macega, um vulto de homem deslizou, cautelosamente, da porteira até a mangueira adjacente ao portil; e, arrastando-se como réptil ferido atravessou o terreiro, onde chegavam, às vezes, alguns restos da luz do casarão, e deixou-se cair exausto numa moita de capim. Ao atravessar o terreiro, parecera-lhe lobrigar no fim do eirado duas sombras fugidias. Suor constringente banhava-lhe a testa ampla, e a sua destra, trêmula, alisava, com voluptua sanguinária, a lâmina afiada de um punhal. Era o João. Se em torno dele se acendesse, súbitamente, um clarão, ver-se-ia, no seu rosto jovem, a marca rubra do talho de violenta chicotada. E vislumbrar-se-iam, também, no seu olhar, amortecido de angústia, brilhos fugazes de ódio insofreável que lhe crispava, num esgar sinistro, a mão colada ao punhal. A caligem, porém, envolvia a sua figura masculina, de bérco sobre a touça do capim espinhoso. A noite esfriava. A festa das vozes e das luzes prosseguia, triunfalmente. As violas lamentavam-se, acompanhadas dos batuques dos pandeiros, numa cadência langorosa, impregnando a noite de profunda nostalgia.

João, metido na moita, olhava a festança, deslumbrado, boquiaberto, sugestionado pelos acordes maguados das violas. E sofismava, entristecido, pensando na namo-

rada querida, sua encantadora Dcrinha, que talvez naquele momento, no salão iluminado, dançasse, cercada de admiradores e esquecida dele... Então, à desconfiança atroz, num impeto, a sua cólera contra o "coronel" Zacarias re-
crudescia. Era este o único culpado! Lanhára-lhe o rosto, covardemente, somente por causa do namôro com a filha, e não pela perda dos garrotes, que fôra, acreditava, pretexto ignóbil para deprimi-lo ante a companheiragem e o bandido do Custódio. O Custódio... E esse miserável pretendia a mão da Dorinha, o sonho da sua vida espinhosa, tão cheia de lutas e privações! Nunca! Pôs-se de pé, súbitamente, soerguido por uma fôrça selvagem que estava dentro dele. Passou a mão calosa sobre o talho dolorido que lhe atravessava a face, como para lenificar um pouco a dor cruciante que sentia à friagem noturna que mais se acentuava, e em passos vagarosos, mas resolutos, contornou o curral com o fito de penetrar pela porta posterior da cozinha e ir surpreender o "coronel" na sala e, ali mesmo, ante os convidados, apunhalá-lo friamente, vingando a afronta que sofrera, indefeso. Ao alcançar, porém, as imediações da cozinha, estacou, inopinadamente, como se desse com a testa num dos troncos do arvoredo circundante. Estava ainda um pouco distante da cozinha, quando aos seus ouvidos apurados veio a suave carícia de uma voz lacrimosa, tão sua conhecida e um pouco enfraquecida pela distancia: "... faz o meu Joãozinho voltar... Papai gosta dele, diz que ele é o melhor vaqueiro da fazenda; e foi apenas uma cólera violenta que o fez chicotear o João. E além disso, mãe Joaquina, sempre papai me diz, sempre, sempre, que o João é o seu vaqueiro mais fiel..." Depois escutou outra voz mais sumida. Mas a tristeza da primeira ficára-lhe acariciando os ouvidos. Os seus olhos alagaram-se de pranto. O timbre veludoso daquela voz cariciosa arrefeceu-lhe de pronto o ódio incandescente, e uma apaixonada ternura de gratidão o envolveu. A sua mão, crispada, abriu-se vagarosamente, e o punhal, desprendendo-se, retiniu no solo. E ficou ali, estático, encostado no tronco da mangueira olhando, num jubilo que o fazia chorar, o casarão da fazenda que fôra o seu berço; e soliloqueou, com ternuras na voz:

— Meu Deus, perdão! Perdão, pelo meu pensamento de matar o "coronel", que foi sempre um pai bom para mim.

(Continua no fim do número).



"SOMOS UMA TROUPE DE GENTE MOÇA..."

SHEILA IVERT

Luigi Infantino é assim como os leitores o estão vendo na fotografia: um siciliano moreno e resoluto. Quietamente educado, muito espontâneo, nada tem do clássico tipo do antigo teatro de ópera, cujo lema era invariavelmente: amor, mulheres e vinho.

Infantino fala doutra espécie de amor, o que é imprescindível para montar um espetáculo lírico dentro das normas de bom gosto e das tradições mais dignas de crédito.

— E' preciso montar uma ópera com carinho, com respeito; mais ainda: com amor. Por que não se observam hoje indicações deixadas por Verdi, no tocante a certas vozes e a certos instrumentos? — prossegue Infantino — Por que? O respeito ao texto é a pedra básica de toda interpretação autorizada. E, justamente porque não se respeita o texto, é que as ressurreições de velhas óperas — as de Bellini, por exemplo — redundam quase sempre em fracasso.

Falando de Bellini e da sua influência sobre a música chopiniana, Infantino entoava a meia-voz alguns trechos da "Norma", fazendo-me sentir as sutilezas do fraseado e das gradações sonoras no "bel canto". Depois repete a mesma experiência com um trecho da "Traviata" — geralmente cantado com toda a voz e ruído de acompanhamento orquestral — e comenta:

— Veja a diferença! Não adianta soltar a voz e cantar sempre forte. A importância está nas gradações sonoras, nas meias tintas, no fraseado, na dicção. O texto também tem muita importância. As vezes o cantor deve recitar como se fosse apenas um ator. Pergunto a Infantino alguma coisa mais pessoal, referente à sua vida, ao seu *eu íntimo*. E ele me diz:

— Sou casado e feliz no casamento. Minha esposa é uma moça muito inteligente e compreensiva. Há seis anos que nos casamos e nenhuma nuvem toldou ainda o nosso horizonte conjugal.

Essa esposa inteligente e compreensiva é Sarah Ferrati, um dos expoentes do "Piccolo Teatro" de Milão.

Fora do lar, Infantino não é apenas um artista, isto é, um ente sonhador e alheio às realidades da vida; pelo contrário; possui espírito empreendedor e toma iniciativas interessantes. Conta-me assim que ele e um grupo de jovens artistas líricos formam uma companhia, toda integrada por elementos novos, e são eles próprios os seus empresários.

— Somos uma "troupe" de gente moça; e, dentre nós, muitos são dotados de belo por-

te e belo físico. Encenamos certa vez a "Traviata", com uma "Violeta" de vinte e seis anos que, além da voz, possuía os predicados físicos imprescindíveis para encarnar o tipo feminino criado por Dumas. Já levamos a nossa companhia a quase toda a Europa, e fomos quatro vezes à África do Sul; ali com excelente resultado financeiro, pois nesse continente pagam-se os artistas muito bem.

Acendem-se as luzes discretas do salão do Glória. Infantino levanta-se e convida-me a dar uma volta pelo terraço. Ao ocaso, o quadro da baía azul, transparecendo por entre os leques verdes das palmeiras, seduz os olhos e a imaginação do artista. E ele me confessa que, na véspera, pouco antes do concerto, estivera longo tempo a olhar a paisagem buscando recolhimento e calma no manso fluir das águas. No seu país, Infantino gosta de se isolar no recinto das belas igrejas italianas, a contemplar as telas primorosas, assinadas por mãos imortais: Caravaggio, Rafael, Melozzo da Forlì... Ante as obras de Leonardo e Miguel Angelo, curva-se o jovem artista, possuído de admiração e respeito por um milagre artístico que jamais se repetirá.

Pergunto a Infantino quais os autores que mais aprecia, no teatro lírico:

— Em primeiro lugar, o mais genial dos mestres do "bel canto": Rossini, duma originalidade e sutileza que nem o tempo deliu; depois Bellini, autor das linhas melódicas mais puras que já ouvi. Bellini, como Leonardo ou Miguel Angelo, é outro milagre que não se repetirá!

ENLACE HELENA DE MOURA ROCHA — GILTON

DA SILVA PINTO — Os noivos, no dia do seu casamento, realizado em 26 de Junho na igreja Nossa Senhora do Carmo.



PRIMEIRA COMUNHÃO

Alba Maria Palma Fernandes, filha do escritor nosso colaborador Sebastião Fernandes e de D. Arminda Palma Fernandes, no dia da sua primeira comunhão.



SOUZA BRASIL

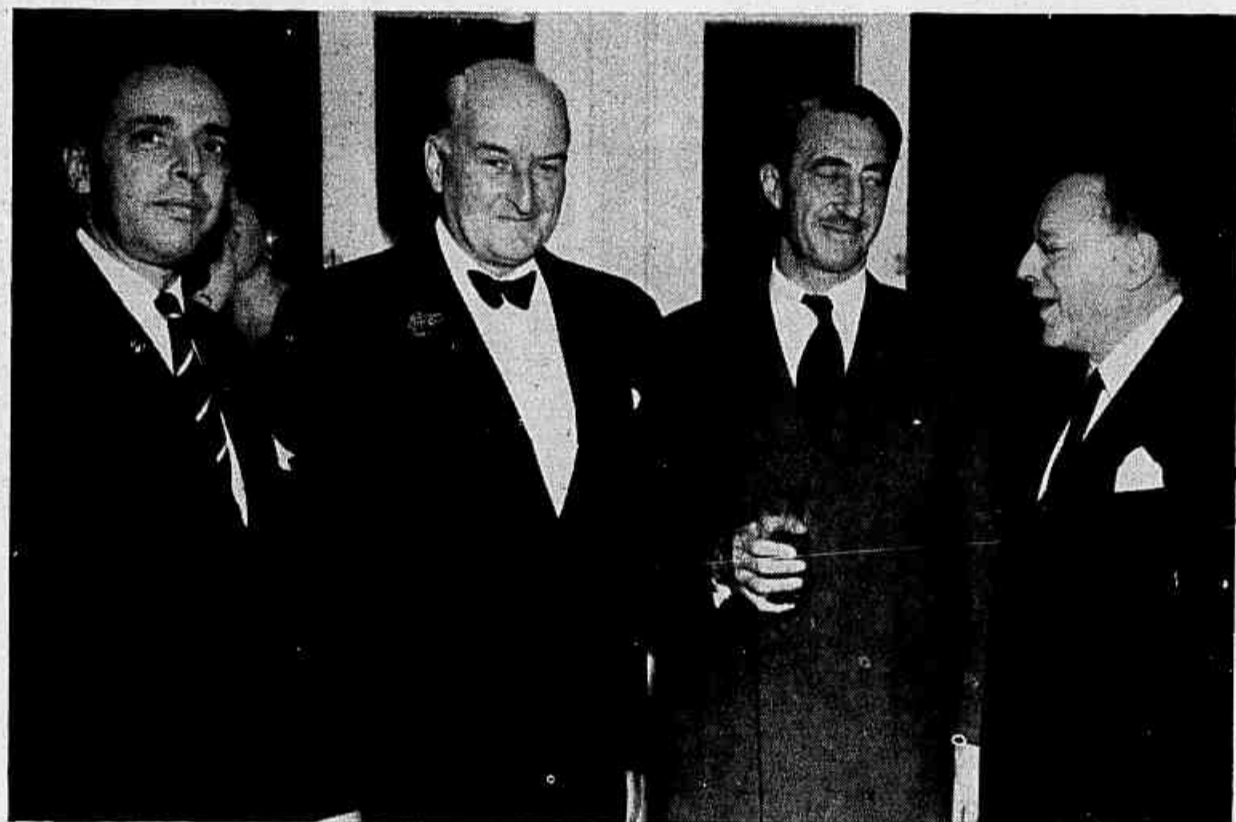
Nem sempre — hélas — o relógio de sol marca as horas luminosas da sociedade carioca. Vez por outra também assinala aquelas outras, bem mais sombrias, enegrecidas pela saudade dos que se foram... Maria José Gonçalves da Cunha — Bebe da Cunha, para os íntimos — fechou para sempre as portas do seu frequentado salão de Paissandu. E, com isso, não apenas terminou sua existência, mas, por igual, encerrou um capítulo na vida social carioca. E capítulo dos mais brilhantes. As recepções dos 15 que religiosamente começavam em maio e terminavam em janeiro eram, para os inúmeros habitués, ponto obrigatório de encontro e local aprazível de reunião. Lá comparecia aquilo que de melhor possuía a sociedade. E era de se ver o desvelo da saudosa amiga, providenciando, afanosamente, para que nada faltasse aos seus convidados. Essa uma das muitas facetas de Bebe da Cunha. Enumerá-las todas, neste palmo de coluna, é impossível. Que fique consignado, entretanto, que sua memória será por todos cultuada e os que viveram momentos felizes em sua aprazível convivência jamais esquecerão os dias 15 em casa de Bebe da Cunha...

SENHORITA MARIA ISABEL PINHEIRO GUIMARÃES — para dizer quem é essa linda e elegante jovem não basta nem a precisão do fotografo nem a habilidade do cronista. Digna de um poema, somente aos vates seria possível descrevê-la. Graciosa filha desse caudidico de valor que é o Dr. Lauro Pinheiro Guimarães, vinculada às melhores e mais aristocráticas famílias da cidade, Mabel — para os da intimidade doméstica — reúne a uma boa educação uma perfeita instrução. Nesta página dedicada às jovens debutantes cariocas, estava faltando o seu retrato. Ora corrigimos essa falha para evidente gaudío dos nossos inúmeros leitores...





O casal Ed. Lynch recebe o Embaixador da França e a Senhora Bernard Hardion.



Senhor Ed. Lynch, Sir Geoffrey Thompson, Embaixador Britânico, Senhor Sidney Pierce, Embaixador do Canadá.



Embaixatriz da Austria, Princesa Mecilde Czartoryska, Embaixatriz Nascimento Feitosa.



Senhorita Dafne Lynch, Sra. Dalia Melo Franco Alves, Embaixador da Austria e Senhor van Scherpenberg.

O RELÓGIO DE SÓL E OS BONS MOMENTOS

EM CASA DOS CRAIG.

Tom e Luchita Craig são dois velhos amigos. Vez por outra os azares da profissão afastam-nos do convívio de todos nós. Mas sempre retornam ao Brasil que apreciam e conhecem como poucos. Para rever amigos, os Craig ofereceram um coquetel que foi, sem dúvida, acontecimento digno de registro. Lá estavam, entre muitos outros nomes ilustres, o sociólogo Gilberto Freyre, o Professor e Senhora Manoel de Abreu, Brigadeiro e Senhora Epaminondas Gomes dos Santos. Os adidos militar, naval e aeronáutico do Chile, Sr. e Sra. Fred. Morgan Snell, Periodista Conrad Wrosz, Sr. e Sra. Emery, Sra. Mariazinha Mendes. Aham pouco?...

UM JANTAR ARISTOCRÁTICO.

Senhor e a Senhora Afonso de Toledo Bandeira de Mello possuem, "par droit de naissance", situação social das mais destacadas. E sabem receber como poucos, reunindo no esplendido solar de Senador Vergueiro figuram as mais conhecidas e acatadas em nossa sociedade. Outro dia ofereceram um jantar que não foi apenas grande pelo número de convidados, mas igualmente grande pelos requintes de que se revestiu e pela esplendida hospitalidade lá proporcionada aos convidados. Impossível anotar todos os presentes. De relance, muito de relance, podemos registrar a presença Embaixador da Holanda e Senhora Schurmann, Almirante e Senhora Aires da Fonseca Costa, Senhor e Senhora João Melo Franco, Barão Stuckert, Sras. Laura e Tereza de Barros Moreira, Embaixatriz Pedro Leão Veloso, Marquês e Marquesa de Belmonte, Senhor e Senhora Cesar de Melo Cunha, Senhor e Senhora Roberto Marinho, Senhor e Sra. José Jobim, Ministro e Senhora Bouli-treau Fragoso, Príncipe e Princesa Ghika, Ministro da Ordem de Malta e Princesa Czartoryska. E quase nos esqueçamos de mencionar Saucha e Gustavo da Fonseca Costa — filha e genro dos anfitriões — que ajudaram a receber os inúmeros convidados desse jantar aristocrático...

REVENDO AMIGOS...

Senhor e Sra. Pitcovitz convidam, de surpresa, para um encontro com o filho, recém-chegado dos Estados Unidos em rápida visita à casa paterna. Foi uma alegria não apenas para os seus progenitores mas, igualmente, para todos os inúmeros amigos que pais e filho possuem aqui. Para abraçá-los, lá estiveram o Senador Hamilton Nogueira, Professor Francis Ruellan, Príncipe e Princesa Gagarin, Desembargador e Senhora Faustino do Nascimento, Professor

e Senhora Celso Kely, senhor e senhora Raul Pedrosa. Senhor e sra. Antonio Garcia de Miranda Neto, Pintor Leopoldo Gotuzzo. Será preciso mais para significar como é querido o casal Pitcovitz?...

NA LEGAÇÃO DO LIBANO

○ Ministro do Libano e Senhora Adib Nahas convidam para jantar. Muitos os diplomatas que consideram ser um privilégio encerrar sua carreira recebendo, no país onde estão acreditados, a visita oficial do Chefe do Estado que representam. Coube ao Ministro Adib Nahas alterar essa regra, recebendo o Presidente do Libano pouco após haver entregue suas credenciais como segundo plenipotenciário libanês no Brasil. Esse simples registro, sem nenhum outro comentário, é bastante para significar como auspiciosamente se iniciou essa missão. E seu titular, convenhamos, faz prever sucessos ainda maiores. Recebendo outro dia para jantar, encheu os vastos salões de sua legação com personalidades as mais conhecidas em nossos meios sociais, diplomáticos e oficiais. Embaixadores e Ministros — nacionais e estrangeiros — lá estiveram e foram muito bem recebidos. A noite transcorreu amena e a hospitalidade que o Ministro e Senhora de Nahas proporcionaram aos seus convidados refletiu bem ao vivo, o prestígio merecido que desfrutam na Cidade Maravilhosa. "Et pour cause"...

OUVINDO GIMPEL.

O publicista internacional Conrad Wrosz convida para um coquetel em homenagem a Bronislau Gimpel, violinista famoso de passagem pelo Rio, onde seus recitais constituíram, sem dúvida, assinalados sucessos. A seleta companhia reunida no apartamento da Urca pelo prestigioso publicista teve o prazer de ouvir algumas melodias executadas por Gimpel, fato esse que tornou realmente inesquecível a bela e elegante tarde. Dentre as celebridades presentes vimos o Ministro da Ordem Malta e a Princesa Czartoryska. Embaixador Francisco Negrão de Lima. Embaixador da Holanda e Senhora Scurmann, Senhor e Senhora Craig, Senhor e Senhora Emery. Querem mais?...

O anfitrião Dr. Conrad B. Ros-tam Wrzos em companhia do famoso violinista Bronislaw Gimpel e da sua esposa além do jornalista e senhora Otto Sachs.

NA LEGAÇÃO DA SUIÇA

Celebrando o primeiro vôo ao Brasil da "Swiss Air", o Ministro da Suíça e a Senhora Feer ofereceram uma recepção das mais elegantes e refinadas.



O Ministro da Suíça recebe o Presidente da Câmara dos Deputados e Senhora Nereu Ramos.



A Senhora Feer — bonita e elegante — sauda o Brigadeiro Nero Moura, Ministro da Aeronáutica.

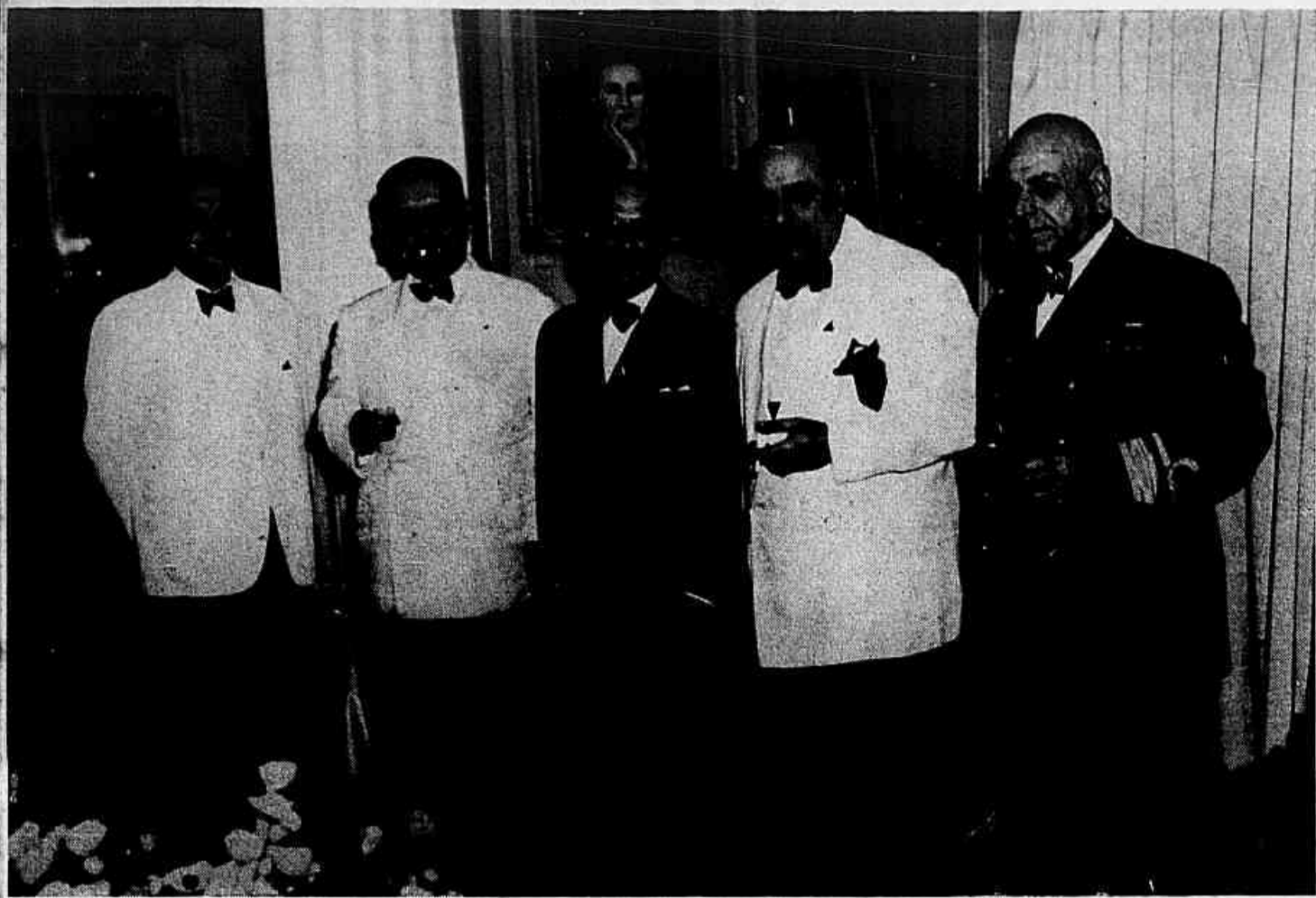


Sra. Oellers, Embaixatriz da Alemanha, Senhora Souza Brasil. Príncipe Paulo Gagarin.



Presidente do Superior Tribunal Militar e Senador Alencastro Guimarães.





O Embaixador da Nicaraguia recebe o Dr. Rui Pinheiro Guimarães, novo Plenipotenciário Brasileiro em Managua, notando-se, no grupo, o Embaixador do Paraguai, o Almirante Matoso Maia e o Dr. Justo Pastor Benitez.

BRASIL — NICARAGUA



Embaixador da Bolívia, Embaixador Dominicano, Embaixador Coelho Lisboa — Chefe do Cerimonial da República — e Ministro Plínio Pinheiro Guimarães.

As Senhoritas Pinheiro Guimarães deram ao agape um tom de efusiva mocidade e encantadora simpatia...



NA EMBAXADA DA CHINA



O Embaixador da China condecora o eminente diplomata brasileiro.



Algumas das personalidades presentes: senhoras Souza Brasil, Leitão da Cunha, Suner y Perrer, Freundt Rossell, Sanson Balladares e Tapia Esvobar. Senhores Roque da Mota, Embaixador de Espanha, Embaixador do Peru, Secretário Geral do Itamarati, Embaixador da Nicaraguia, Embaixador do Panamá, Embaixador da China, jornalista Souza Brasil e Secretário Wang-Li-Pen.

○ Embaixador da China e Senhora Shen Chin Ting convidam para um jantar, no decorrer do qual foi condecorado com o Grande Oficialato da Ordem da Estrela Brilhante o Embaixador Vasco Leitão da Cunha, Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores.

Dois belos aspectos do jantar, quando falavam, respectivamente, o Embaixador da China e o Secretário Geral do Ministério do Exterior.



ENLACE VARGAS-TAVARES

○ Senhor e a Senhora Getulio Vargas e a Senhora Viuva Armando da Silva Tavares convidam para o casamento dos seus filhos Manoel e Vera Maria. Após o ato religioso, recepção no Palácio do Catete. Foi esse sem dúvida — valha-nos a moda — o casamento do ano. Aos nubentes e suas ilustres famílias, os melhores votos de todos os que participaram desse expressivo ato de conagração familiar.



Aspecto da cerimônia religiosa, na Candelária, vendo-se o Prelado Oficiante, D. Vicente Scherrer, Arcebispo de Porto-Alegre, acolitado por Monsenhor Dr. Henrique de Magalhães. Ao lado do Evangelho, as famílias dos nubentes.



A Senhora Darcy Vargas é contemplada com uma fatia do bolo nupcial

O jornalista Paulo Costa Moutinho também esteve presente à bela cerimônia que reuniu os elementos mais destacados da sociedade, diplomacia e política em uma festa familiar das mais emocionantes.



O Senhor e a Senhora Manoel Antonio Vargas deixam o belo templo



O Presidente Getulio Vargas faz um brinde ao jovem casal



Os noivos, assistidos pelo Presidente Vargas, cortam o bolo simbólico



Dr. Octaviano Marcondes Ferraz, Diretor da Cia. Hidro-Elétrica do São Francisco, e a Sra. Mario Savelli cumprimentam o Sr. e Sra. Nicholson.

O casal Jonh Robert Nicholson recebe os



Sua Excia. o Embaixador do Canadá, delegado à Conferência.

Um grupo de Congressistas.



Lord Citrine, representante de sua Majestade a Rainha da Inglaterra, e Lady Citrine cumprimentam o casal Nicholson.



Representantes de quarenta países compareceram à Conferência Mundial de Energia realizada em Petrópolis. Uma nota social de grande relevo foi a recepção do Sr. e Sra. Nicholson no Hotel Quitandinha. Vêm-se alguns aspectos nestas páginas que dizem bem alto do prestígio mundano dos ilustres anfitriões.

delegados à Conferencia Mundial de Energia

Sr. e Sra. Nicholson com o casal Luiz Vieira.



Sta. Maria Botelho, Sra. Ito v. Ockel Tebyricá, Sra. Vamor Ribeiro Junqueira, Sua Excia. o Embaixador do Canadá Sydney D. Pierce com a sua filha Judith.

O D I A
D A R A Ç A
E M
S . P A U L O



Aspectos da recepção realizada na residência do consul geral de Portugal em S. Paulo, comemorativa do Dia da Raça.
Presentes as figuras mais expressivas da alta sociedade local, membros do corpo consular, mundo oficial e elementos representativos da colônia lusa ali domiciliada.



Os casais Getúlio Vargas e Mário Ribeiro, Ministro Luiz Galotti, Senhora Fábio Prado e General Caiado de Castro no Grande Prêmio Brasil.



O Grande Prêmio Brasil, iniciado em 1933 com o feito heróico do nacional "Mossoró", constitui, sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos esportivos do ano, como também de caráter elevadamente social, visto não só reunir o mundo turfístico de nosso país e ilustres personalidades estrangeiras, como ainda faz desfilar, perante as arquibancadas da Gávea, a fina flor da elegância feminina entre nós.

As galerias e o gramado enchem-se de povo e figuras distintas da sociedade brasileira. Nas pistas, os parceiros de fama, os puro sangue de importantes coudelarias, sob bridões de jóqueis habilíssimos, correm na disputa dos páreos.

O GRANDE PREMIO BRASIL DE 1954

Por toda parte nota-se a satisfação e a ansiedade nas fisionomias dos que ali comparecem com a alma a palpitar da esperança de conquistar, inteiro ou frações, o grande prêmio.

Riquíssimas damas perfilam-se, ostentando a mão de obra artística dos mais afamados costureiros, enquanto cavalheiros empunham binóculos e acompanham o desenrolar das corridas.

Cada ano que se passa o nosso "Sweepstake" se reveste do mais vivo entusiasmo e do maior brilhantismo.

O Grande Prêmio Brasil de 1954, arrebatado galhardamente pelo cavalo El Aragonês, dirigido pelo jóquei patricio Luiz Rigoni, mais do que nos anos anteriores, levou ao hipódromo da Gávea, milhares e milhares de espectadores. As fotografias que ilustram esta página testemunham, eloquentemente, esse notável acontecimento turfístico do ano.



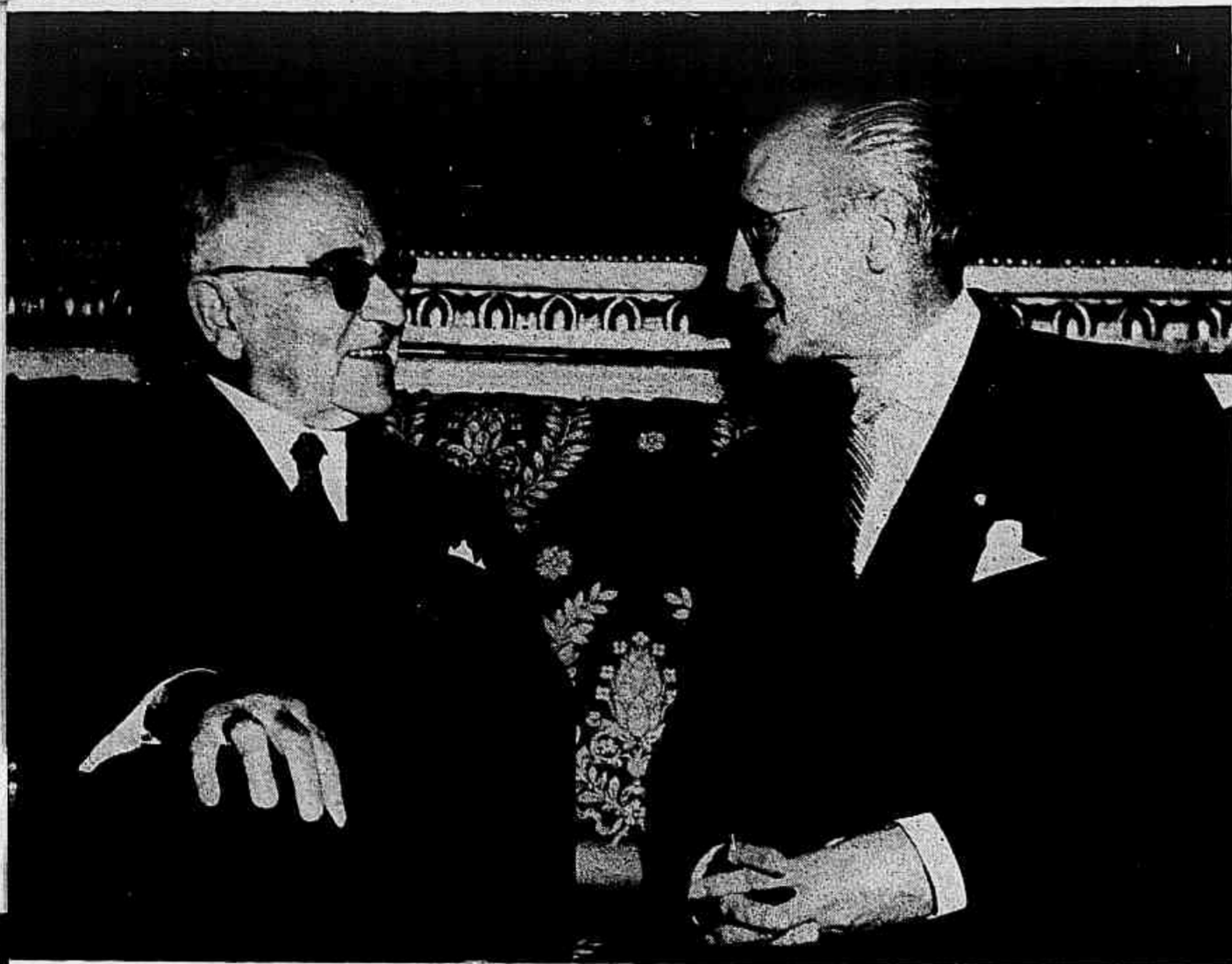
El Aragonês, montado pelo jockey patricio Luiz Rigoni, após a espetacular vitória do G. P. Brasil de 1954.



O barão Guy de Rothschild entre os Dr. Mario Ribeiro e Ministro Luiz Galotti, Presidente e 1.º Vice-Presidente do Jockey Club Brasileiro, por ocasião do Grande Prêmio Brasil.



Embaixador da Índia e outros diplomatas ao lado do Ministro Leitão da Cunha, sub-secretário das Relações Exteriores.



O EMBAIXADOR DA ESPANHA APRESENTA CREDENCIAIS —

Aspecto da entrega de credenciais do novo Embaixador da Espanha no Brasil, D. Thomaz Suñer y Ferrer. Diplomata de carreira dos mais ilustres, ocupou postos de responsabilidade no Ministério das Relações Exteriores de Madrid e em inúmeras missões diplomáticas no estrangeiro, tendo em todos esses postos dado exuberantes provas de competência e habilidade. Não será demais vaticinar ao novo plenipotenciário grande sucesso em seu novo e importante posto. Acima, em flagrante exclusivo, vemos o Embaixador da Espanha em conversa com o Presidente Getúlio Vargas.

HOMENAGEADO O PROFESSOR CARNEIRO LEÃO



O prof. A. Carneiro Leão, da Academia Brasileira de Letras e diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, proeminente figura das Letras e do magistério nacionais, acaba de ser eleito para o "Instituto de France", a mais elevada distinção da cultura gaulesa, o que não só vem glorificar-lhe o nome, como também honrar cada vez mais a cultura de nosso País no exterior. Pela eleição do prof. Carneiro Leão para o "Instituto de France", que tanto nos veio orgulhar, grande número de intelectuais, professores, escritores, filósofos, jornalistas e artistas em geral, prestaram-lhe justa e carinhosa homenagem, com notável banquete realizado no Hotel Miramar, e presidido pelo Vice-Presidente da República, sr. Café Filho. Saudando o homenageado, discursaram os senhores Marcus Almir Madeira, Presidente da Associação Brasileira de Educação, falando em nome dessa entidade prof. Raul Bittencourt, em nome da Faculdade Nacional de Filosofia; Peregrino Junior, pela Academia Brasileira de Letras e Pedro Calmon, pela Universidade do Brasil.



CONDECORAÇÕES — Flagrante colhido na Embaixada da Espanha, quando era condecorado o Dr. Mario Accioly, Procurador da República, com a comenda da Ordem de Cisneiro.



CEM ANOS DE VIDA E DE LUTAS DO "CORREIO PAULISTANO" O centenário do "Correio Paulistano", celebrado recentemente em S. Paulo, constituiu pretexto para uma série de imponentes comemorações, às quais se associaram espontaneamente tôdas as classes, numa demonstração eloquente do incontrastável prestígio daquele jornal. Aqui vemos um grupo formado à saída da Catedral de São Paulo, após a missa solene rezada pelo cardeal Motta. Ao lado de S. E., veem-se o governador e a sra. Lucas Garcez, o Dr. João Sampaio, Dr. Herbert Moses, e o Dr. Honório de Sylos.

CANDIDATO A VEREADOR, O ADVOGADO E JORNALISTA RAIMUNDO ARAÚJO

Moço de talento, cuja existência tem sido um exemplo de trabalho, luta e empenhimento, Raimundo Araújo, nosso companheiro de redação, acaba de ser escolhido para candidato a vereador por Nilópolis, próspero e populoso município fluminense.

Oportuna e justa escolha essa na pessoa de Raimundo Araújo que, se eleito, saberá, por certo, desempenhar com eficiência o seu cargo eletivo.



IMAGENS DO FUTURO



Leticia, com nove meses, filha do casal Dr. Delcio Horta Sanabio.



Luis Sergio, com dez meses, filho do casal Miel Chaves.

Jaqueline, com quatorze meses filha do casal Luciano Finkelstein.

FOTOGRAFIAS TIRADAS
NOS STUDIOS DE
FOTO PREUSS
(SÓ CRIANÇAS)
RIO — NITERÓI.



COSTA REGO E A DISCIPLINA JORNALISTICA

O recente falecimento de Costa Rego fez com que numerosos de seus admiradores ou simples conhecidos escrevessem páginas interessantes a respeito de sua personalidade. Cada qual timbrou em apresentá-lo sob uma faceta de seu espirito mas quase todos assinalaram a sua qualidade de chefe de cara fechada, de aparência árida, rigoroso nas exigencias do serviço da tarimba jornalística. Com as responsabilidades do comando num setor da sua folha, tinha ele, de fato, de enfrentar os embaraços de uma profissão de indisciplinados. E não deviam ser pequenos os obstáculos a vencer com indivíduos de tendências diversas que lhe estavam subordinados. Um simples episódio, narrado pelo redator que se descobriu como autor de uma seção editorial, é suficiente para mostrar como Costa Rego tinha razão em seus rigores. Refiro-me à historia da regua com que o redator-chefe do "Correio da Manhã" media os artigos que não deviam ultrapassar certos limites de espaço na página. Costa Rego fazia questão de manter o tamanho desse palmo de coluna, por motivos desconhecidos, ou de estetica de paginação, ou de conveniencia material. Mas o jornalista que se incumbia de dar conta do recado muitas vezes resistiu à imposição do alto, embora fosse inútil a sua resistência diante da vontade superior que não vergava. Acabou vencido o renitente transgressor. Confessou de publico as suas turras com o mestre da sintese e acabou por afirmar o seu proposito de furtar a regua sinistra para reliquia de museu... O interessante, em tudo isso, é que com o desaparecimento de Costa Rego, ou seja porque a regua tenha mesmo desaparecido, ou apenas porque o seu sucessor ainda não se adaptou às normas tradicionais, logo se observou um afrouxamento na disciplina. Pelo menos o famoso "Reboque" do artigo de fundo do "Correio" começou a esticar, a passar da medida classica... Já tem saído com mais de palmo. Trata-se, evidentemente, de uma contravenção póstuma...

C. M.

A LITERATURA COMO ENRIQUECIMENTO DA EXPERIENCIA HUMANA

O Instituto de Cultura Brasil-Guatemala, continuando a sua obra estritamente cultural, comemorou brilhantemente o seu primeiro aniversário de fundação, a 20 de Julho último. Realizou na "Assistência Brasileira de Educação" essa solenidade com assistência numerosa e selecionada. O Presidente do Instituto, escritor Raul de Azevedo, organizou a Mesa onde estavam o Embaixador Jorge Luiz Arreola, secretário da Embaixada de Guatemala, Dr.^a Francisca Fernandes Hall, Embaixador Dr. Barros Pimentel, Brigadeiro Antônio Apell Neto, Dr. Marcus Almir Madeira, Sr. Otto Sachs, secretário geral. O Presidente disse da obra consolidada do ano primeiro do Instituto, assinalando as festividades realizadas com êxito e o sentido cultural da agremiação que fôra instalada com sucesso no Palácio Itamarati. Seguiu-se a anunciada conferência do professor Celso Kelly, que falou durante uma hora sobre "A literatura como enriquecimento da experiência humana", estudando também o homem moderno com os seus complexos, demonstrando a sua sólida cultura. Recebeu prolongados aplausos da assembléia, onde se notavam diplomatas, intelectuais de renome e distintas senhoras.

QUANDO MORREU A IRMA DE CASIMIRO ?

Em tórno dos últimos anos da irmã de Casimiro de Abreu, Albina Tereza, aquela que velou os derradeiros dias do poeta em Indaiáçu, e a quem ele escreveu algumas cartas endereçadas a Lisboa onde ela estudava, muita coisa desconhecida se tem divulgado. É verdade que quase tudo sem base em fontes de informação idôneas. Sabe-se, por exemplo, que ela levou uma existência atribulada e pobre, vivendo do que lhe rendiam umas aulas de francês em ca-

sas de família. Sabe-se que a Academia Brasileira lhe consagrou modesta pensão. Mas um dia Albina desapareceu e a imprensa nem sequer tomou conhecimento da sua morte. Por que esse abandono, essa falta de um ligeiro registro sequer, do trespasse de uma criatura de tanta expressão na história da nossa literatura? Pouco caso? Não. O fato se explica. É que Albina fechou os olhos para sempre num dia que a cidade sofria o assédio da onda revolucionária de 1930, no dia vinte e quatro de outubro. No meio daquele tumulto, com os soldados em correrias, com os bandos atacando os edificios de jornais, quem poderia voltar a sua atenção para outra cousa que não se relacionasse com o maior acontecimento da hora? Enquanto as massas se agitavam, enquanto a metrópole brasileira assistia ao grande drama da deposição de um governo legal, descia ao túmulo, pobremente, a irmã querida de Casimiro de Abreu, velhinha, quase nonagenária. Descobriu o seu registro de óbito o escritor Lacerda Nogueira, membro da Academia Fluminense de Letras e a maior autoridade em assuntos referentes ao maior lirico brasileiro. Lá está no livro de assentamentos da Santa Casa de Misericórdia.

LIVROS DO DIA

"RAIOS DA TARDE"

Miguel Monteiro é um poeta na melhor acepção do termo. Poeta de estilo antigo, do bom estilo. O seu livro "Raios da tarde" é uma coleção de belas composições rimadas em que ele transfunde a sua emoção diante das cousas e dos sentimentos altos. É uma sensibilidade lírica que se manifesta em estrofes de forma clássica. Sonetos perfeitos, poemas tocados de profunda emotividade, nêles o poeta nos diz das suas intimidades com as musas. Quer o autor que o seu livro, pelo título, seja um canto do crepúsculo, um esplendor de sol vesper-

tino. Seja. Mas o sol antes de se esconder atrás dos montes deixa na terra um fulgor que se assemelha ao das madrugadas.

"POESIA DE NINGUEM"

Poesia de ninguém? Por que? Poesia de alguém é que é, e de alguém que traz na sua arte algo de novo para dizer. São evidentemente de alguém que aparece no campo literário com armas vigorosas, êsses versos da "Poesia de ninguém" de Celina Ferreira, que nos chegam de Minas. É uma alma moça que vibra nêsses cantos insubmissos aos preconceitos. Modernista? Sem dúvida, a poetisa faz concessões ao modernismo, mas não ao extremo de confundir-se com a vulgaridade que se esconde atrás da cortina de simples jogos verbais dos que pretendem haver revolucionado o mundo da poesia. Ela não se afasta do sentido musical do verso. Escreve como um pássaro que canta livremente. E porisso são lindos os seus cantos, que traduzem as harmonias de uma juventude que se prepara para largos vôos.

"PETALAS DISPERSAS"

É este um livro de adolescente que se apresenta com esplêndidas qualidades. Jorge D. Martins tem neste volume de "Pétalas dispersas", paraninfado por Alvaro Moreyra, os seus primeiros ímpetos de um lirismo encantador. Muita simplicidade, eis o que caracteriza a sua musa. São realmente pétalas de flôres, pétalas de rosa, que se espalham nessas páginas em que palpitam os anseios de uma alma cheia de ternura.

"OLHANDO PARA ATRÁS"

Na historia do Brasil que os compendios escondem, mas que está nos arquivos, nos velhos documentos, tem Luiz Edmundo encontrado um filão precioso para uma obra de reconstituição do nosso passado. Da serie que começa com o "Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis", continua com "A Côte de d. João VI no Rio de Janeiro" e com "O Rio de Janeiro de meu tempo", faz parte também este volume de "Olhando para atrás", páginas de evocação, palpantes, de episódios em que o espirito brasileiro se manifesta em afirmativas de grande estilo. Fatos heroicos, cenas intimas da nossa vida antiga, conflitos civicos em que se definem as personalidades que escreveram com seu sangue e suas lágrimas alguns dos capitulos fundamentais da nossa formação nacional, encontram-se nesse livro magnifico do illustre academico que na casa de Machado de Assis ocupa a cadeira preclara que tem como patrono Raul Pompéia. "Olhando para atrás" foi lançado na coleção da Biblioteca do Exercito, e acaba de sair, logo esgotada a primeira, em segunda edição.

O TEATRO DE UM SÓ PERSONAGEM

O sucesso das "Mãos de Euridice" de Pedro Bloch, peça com um único personagem a encarnar situações multiplas e varios estados de alma, e que revelou um extraordinário interprete em Rodolfo Maier, despertou em outros autores a vontade de seguir o exemplo do glorioso comediografo. E como consequencia desse êxito temos uma nova produção no genero, desta vez produção de mulher e para interpretação feminina. A autora é Maria Wanderlei de Menezes, esplêndida vocação para o teatro e que em mais de um trabalho tem merecido os louros de platéias exigentes. A sua peça é "A Cartomante", um trabalho magnifico em que uma única figura desenvolve a ação dramatica de um realismo emocionante e rico de sutilezas maliciosas.



Economia e Finanças

RACIONALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO

CARLOS MATHEUS

O problema da alta dos preços, se coloca com agudeza num certo número de países por duas razões diversas.

No Brasil, nos encontramos diante duma consequência natural decorrente da desorganização econômica, nos outros, as agitações sociais têm determinado o encarecimento.

Nas duas hipóteses a preocupação de frear a alta é também compreensível quanto legítima; mesmo porque esse movimento é a consequência do retorno à prosperidade, causando grandes perturbações em virtude da procura dos meios de atenuar a força.

A questão de se saber se é possível diminuir a alta dos preços pela reorganização das empresas, ou se por meio de iniciativas de ordem técnica e racional, o presente artigo não tem outro objetivo, senão aventar a discussão pela qual se possa precisar as questões capazes de encontrar a solução completa.

E' também pela mesma razão que não se encontra neste trabalho um estudo teórico aprofundado, sobre um problema que exigiria grandes volumes, se o quiséssemos tratar em toda sua amplitude.

Qual a medida possível de atenuar a alta dos preços: a reorganização das empresas? E' claro, que esta questão se antepõe aos preços de varejo e ao custo da vida. Os preços de atacado, como sejam matérias primas são determinados pela oferta e procura, e não pelo custo de produção.

A reflexão constata que os preços de varejo e o custo da vida dependem de duas ordens de fatores: o custo de produção, que determina principalmente o preço dos objetos manufaturados à saída da fábrica.

A causa da alta dos preços está antes de mais nada na compreensão dos preços de revenda.

Mas, na economia moderna, os preços de custo não representam mais do que uma fração que finalmente o comprador pagará.

A outra metade é constituída pelas despesas de distribuição, nas quais se computa os impostos, os fretes de transportes e as margens retidas para os intermediários.

A causa da alta exige que se aja sobre os agentes econômicos, assegurando a distribuição dos produtos isto é sobre toda organização comercial.

A reorganização das em-

presas deve portanto, se estender ao comércio: é possivelmente desse lado, que os resultados mais prováveis sejam registrados.

A administração duma empresa pode também influir grandemente sobre a eficiência. Enfim, a direção tem frequentemente necessidade de ser racionalizada: muitos daqueles que exercem essas funções, precisam do espírito de decisão e de método.

Tais são os aspectos modernos da organização científica do trabalho. Evidentemente, suscetível de provocar uma baixa dos preços ou um melhoramento nas qualidades oferecidas por um mesmo preço.

Mas como se generaliza em todos os países, torna-se uma necessidade em todo estado de causa e vimos precedentemente que não pode melhorar a posição relativa duma nação.

A reorganização das empresas, trará talvez, vantagens extensivas, inclusive na esfera da economia nacional. Pode-se realizar tanto por entendimentos entre produtores, como sob a pressão dos poderes públicos.

Chegando-se assim a uma espécie de economia dirigida, cuja execução não convém à nossa índole liberal.

As despesas de distribuição têm sobre os preços de varejo e sobre o custo da vida, uma influência que ultrapassa de muito o que se imagina normalmente.

Para os produtos manufaturados, pode-se admitir que em muitos países, a diferença entre o preço de fábrica e o preço ao consumidor é simplesmente o dobro.

A racionalização da distribuição dos produtos será capaz de baixar sensivelmente o custo da vida e os preços do varejo, devendo portanto se adotar melhoramentos técnicos no sentido de se tornar mais baratos e eficientes os sistemas de transportes na expansão de formas modernas, quando o dano social é mais aflitivo, em período de soerguimento econômico.

Enquanto lutamos pela redução de preços no mercado interno, somos forçados a defender a atual política adotada no mercado externo.

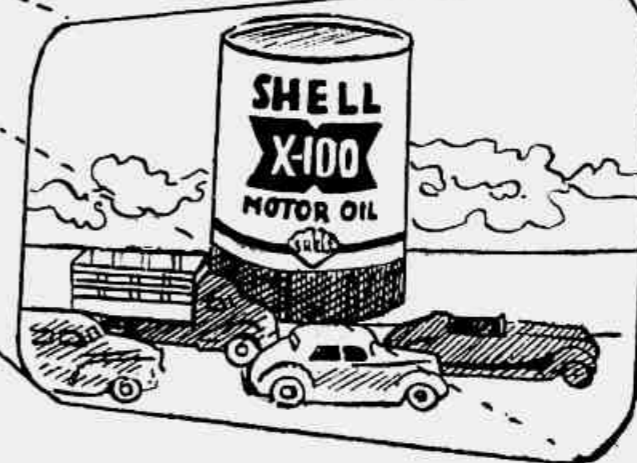
Apesar de sabermos as causas que determinaram a elevação dos preços do café — redução das safras em consequência das fortes geadas caídas nas regiões produtoras — e que a presente safra também foi atingida pelo fenômeno climático, continuando portanto reduzida a estimativa estatística, e preponderando o café brasileiro no mercado consumidor internacional, procuram os baixistas, numa campanha prejudicial à economia brasileira, forçar a baixa de preços. O Governo brasileiro estabelecendo os preços mínimos para o café — agiu unicamente em defesa de nossa economia, evitando uma exploração comercial — que pretendia forçar as vendas antecipadas dos estoques por preços baixos, a fim de retê-los e vendê-los a preços reais, desde que, de acordo com a lei da oferta e da procura, não há motivo para baixa.

O Brasil quer apenas o preço justo, nem mais nem menos.

PROPAGANDA SULAMERICANA LTDA.

Rio de Janeiro — Rua Alcindo Guanabara, 17-21
(Edifício Regina) Salas 907 - 912 - Tel. 42-2057

PUBLICIDADE
EM CINEMAS



Projeção de dispositivos em côres naturais na tela de cinemas do Rio de Janeiro, Campos, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Natal, Curitiba, Porto Alegre e interior do Rio Grande do Sul.

Exclusividade da publicidade nos mercados municipais do Distrito Federal.



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

JUVENTUDE
ALEXANDRE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros—Modela o rosto
À VENDA EM TODA PARTE

GLÓRIA

(Continuação da pag. 20)

— sim, uma aventura de três meses com uma loura que depois casou e foi residir na América do Norte. Caso sem importância.

E voltando-se para ela depois de beijá-la, nos olhos nos cabelos, no rosto, na boca e nos seios, excitando-a:

— Agora, meu amor, você vai contar o seu segredo para o seu marido. E já está perdoadada, por antecedência.

Ela sacudiu a cabeça e os cabelos e beijando-o:

— Não tenho segredo meu, juro por Deus, e só guardo um da minha mãe.

— Qual?

— Direi só a você, amor, mas não tem importância para nós. Logo após o seu casamento, o marido teve a negócios de embarcar para a Europa. Ficou por lá uns oito meses... Uma vez minha mãe ficou muito doente, desengenhada, há uns dois anos, e já estava viúva. Todos esperavam a sua morte. Ela também. E chamou-me, e confessou que uma vez prevaricou na vida. Era moça e estava sózinha. O esposo fôra para a Europa, por um mês, a negócios, e passara oito meses. Que lhe perdoasse. Então...

— E afinal quem é o teu pai?

E ela, displicente:

— Não conheci-o. Chamava-se Antônio. Espera — agora me lembro de todo o seu nome. A minha mãe me disse que era o homem mais bonito e fascinante da sua época. Queres o seu nome? Antônio Silveira. Era um advogado.

Jorge deu um salto do divã, e estático, louco, disse à mulher:

— Mas era o meu pai! Então tu és minha irmã!...

A VINGANÇA

(Continuação da página 27)

Eu vou pedir perdão ao "coronel". E é hoje mesmo, se Deus quiser! Vou falar-lhe sobre Dorinha, vou implorar-lhe que me dê ela em casamento, porque nós dois nos amamos... Um pulo até o arraial para mudar de roupa é um instante... O "coronel" vai me perdoar...

Fremindo numa intensa alegria, retrocedeu com cautela até o curral; e, após pequena hesitação, meteu-se pelo vasto capinzal a dentro, tateando com os pés o terreno cavocado, através da negridão imutável da noite arabescada de pirilampos. E quando alcançou a porteira e tropeçando, às pressas, nos seixos e estrepes da roçada, ia infiltrar-se por um atalho que o levaria mais depressa ao arraial, súbito clarão o ofuscou. Compreendeu, de relance. Teve a impressão de sentir, nas costas, o peso brutal do fatalismo. Quis correr, mas não pôde. E parou, estarecido.

— Ah! cão...

Tonitroante descarga de "pica-pau" ressoou no silêncio da noite tórva.

* * *

O "coronel" olhou, no clarão da cambona fumegante, o corpo exangue do João, criva de chumbo no fundo do valado e, apontando-o, exclamou, num misto de sarcasmo e ódio:

— Está vendo, Custódio?! Eu não te dizia sempre que este cabra da peste era infiel?... E voltaram para a festa.

SURTIU NO APÓS GUERRA O "BALLET DO CANADÁ"

(Continuação da página 23)

dramas, mas também comédias e peças policiais. No entanto, nota-se que o público prefere o teatro clássico, sendo o maior sucesso já alcançados o de "Hamlet".

A MÚSICA

A música, no Canadá, goza de merecida preferência popular, verificando-se no ano de 1953 também grande progresso nesse setor artístico. Não existe cidade, centro urbano ou aldeia onde não funcionem excelentes organizações cultivando a música e o "bel-canto", tendo-se criado conservatórios nas maiores cidades e mesmo em pequenos centros universitários. Naturalmente, um movimento assim criaria o interesse pelo confronto. Proporcionando-o, realizaram-se, em 1953, em vinte cidades, competições musicais que duraram uma semana, delas participando dezenas de milhares de pessoas, iniciando-se as provas de manhã e indo até à noite. Em cidades maiores, no ano de 1953, participaram desses festivais de 20 a 25.000 pessoas.

Em doze cidades existem orquestras sinfônicas e o interesse do público pela ópera cresceu enormemente nos últimos anos, graças especialmente à divulgação que o rádio dá à música fina. No setor musical a maior vitória foi alcançada pela Orquestra Sinfônica de Toronto, que realizou uma "tournee" pelos Estados Unidos, com um sucesso nem sempre alcançado pelas maiores orquestras estadunidenses. Hoje, o Canadá possui 356 compositores de ambos os sexos e o número de peças musicais publicadas, em 1953, foi duas vezes maior em relação ao ano de 1950, o que bem demonstra o interesse do grande povo pela divina arte. (IPA).

UM CENTENÁRIO PROVOCA UMA INTERROGAÇÃO

Também de pequenos fatos se compõe a História. Não são apenas gigantes que ocupam as páginas dos anais da humanidade... Porque às vezes um simples acontecimento contém mais filosofia que uma epopeia, e de quando em quando tasta uma criatura para realizar feitos que uma assembléia seria incapaz de efetuar... Em 15 de Agosto deste ano a Livraria Francisco Alves atingirá o primeiro centenário. E, sem dúvida, uma das belas datas de nossa cultura. Por isso mesmo, queremos evocar, num traço luminoso, a figura de Francisco Alves de Oliveira. Não fiava a ninguém — absolutamente! Mas os amigos... Bem, deixemos os amigos. Aconteceu, porém, que um deles procurou o livreiro-autor a fim de abrir conta. No começo do mês resolveria o assunto.

— Quanto quer você, mais ou menos, de livros? — perguntou Alves. O outro calculou silenciosamente (ou fingiu que calculou) e disse uma quantia. Imediatamente, Francisco Alves de Oliveira tirou, do bolso, um livro de cheques. Assinou um deles com a importância indicada. E solucionou o caso: — Aqui tem o dinheiro. Vá lá abaixo e compre o que quiser. Se não chegar, venha falar-me, que darei outro cheque.

Assim, com habilidade genialmente diplomática, Francisco Alves de Oliveira manteve seus princípios — fiado, só amanhã... e salvou-se de responder com a negativa a um amigo. E agora ficará a interrogação, fôssem outros os princípios do livreiro-autor... chegaria a sua casa a ser, hoje, a poderosa organização que realmente é?... Verdade que os moldes comerciais, na atualidade, são outros; mas, naquele tempo, quem facilitasse vendas a crédito arriscar-se-ia a perder o prestígio...



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN

DR. OSVALDO SERRA

DA

FACULDADE NACIONAL
DE MEDICINA

Doenças da Pêe e Sífilis

Tratamento especializado da cutis, cravos, espinhas, manchas da pêe, verrugas, sinais congênitos (nevus), extração de pêlos da face. Tratamento de varizes, úlceras, eczemas crônicas e alergias, urticárias, doenças dos cabelos e unhas. Tratamento dos angiomas e cânceres da pêe pelo RADIUM (Radioterapia).

Ondas curtas, Ultra-violeta, Infra-vermelho, Neve-carbonica, Diatermia, Radium.

Consultório. Rua 13 de Maio, 23 — Edifício Darke-7.º and. — salas 723/. Consultas diárias das 16 às 19 horas exceto nos sábados.

TODOS OS DOMINGOS

PARA SEU LAR

A REVISTA DO D. C. É UM SUPLEMENTO EM CÔRES, VENDIDO JUNTO COM O JORNAL AOS DOMINGOS. ALI A MULHER BRASILEIRA ENCONTRA DIVERSÃO E CONSELHOS, INFORMAÇÕES E SUGESTÕES, QUE VÃO DESDE O TRATAMENTO DO BEBÊ AO MÍNIMO DETALHE DA ÚLTIMA MODA. SOCIEDADE, MODAS, CINEMA, RÁDIO, BOITES, NOTÍCIAS INTERNACIONAIS, CONTOS, ESPORTES, CIÊNCIA, RECEITAS, E UMA MAGNÍFICA PÁGINA CENTRAL EM CÔRES.



Revista do Diário Carioca

NESTE NÚMERO

USE A SUA CABEÇA

CANTO DO RIO

A MULHER

Revista do DIÁRIO CARIOCA

RED. — AV. RIO BRANCO 25 s/ loja — TEL. 23-3239

Publicidade — AV. R. BRANCO, 2.º ANDAR — TEL. 23-3763.

O máximo de elegância e bom gosto em óculos.

OSBERON



Cr\$ 475,00

MISS PRIM



Cr\$ 325,00

COLERTE



Cr\$ 295,00

GILDA



Cr\$ 285,00

Ótica Continental

Senador Dantas, 118 C.
TELEFONE: 52-4320 — Rio
Atende-se pelo reembolso postal.

P.R.D.-6 - Rádio Difusôra de Piracicaba

Quando pensar em anunciar no rádio do interior de São Paulo, lembre-se que a PRD-6, Rádio Difusôra de Piracicaba, é um dos melhores veículos. Contando com a colaboração de pessoal experimentado e apresentando sempre as melhores programações radiofônicas, em música, radio-teatro, esporte e auditório, a Rádio Difusôra de Piracicaba tornou-se a Emissôra mais ouvida em todo o interior paulista. Anunciar na Rádio Difusôra de Piracicaba é aumentar suas vendas e ampliar seus negócios.

PRAÇA 7 DE SETEMBRO, 815 — PIRACICABA — SÃO PAULO

REPRESENTANTES:

ORGANIZAÇÃO N. DE MACEDO & CIA. LTDA.

Rio: México, 41 — 11.º andar — Conjunto 1.102

S. Paulo: Praça da República, 64 — 10.º andar

MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA

DE Paris PARA VOCÊ...

modelos de vestidos
sugestivos
fascinantes
muito elegantes!
criados pelos mais
famosos figurinistas
parisienses
COM EXCLUSIVIDADE!



MODA e BORDADO

UMA PUBLICAÇÃO DA S. A. O MALHO
RUA SEN. DANTAS, 15 - 5.º ANDAR

e ainda

conselhos de beleza
receitas culinarias
decorações
e muitas outras
seções uteis!

A REVISTA QUE É UM FIGURINO... O FIGURINO QUE É UMA REVISTA!